

REVISTA REDAÇÃO	06
PROFESSOR: Lucas Rocha	
DISCIPLINA: Redação	DATA: 10/03/2013

Ser humano soberano, perigoso e maquiavélico (EDUARDO DE CAMPOS GARCIA)

A identidade vestiu o homem de tal forma que ele já não se reconhece como animal. Logo, o outro passou a ser, a seus olhos, um estranho e isso legitimou a vontade do homem querer reinar sobre o diferente e se sentir soberano



É POSSÍVEL dizer que o que separa o ser humano do ser animal é uma película tênue tecida na trama cultural. Mas o que é ser um animal e ser humano na sociedade? Como fala Jacques Derrida (1930 - 2004) em seu livro *Animal que logo sou*¹, em síntese, humano é uma identidade que subordina aquele que aos olhos dele se torna, de imediato, um animal. Humano é uma primeira identidade que afasta o homem de sua natureza animal. O faz esquecer que é um ente da natureza comum. O humano pode ser pensado como capital ao mesmo tempo em que é alma capitalizada e, talvez, capturada pelo desejo de poder. Nessa relação que institui quem é humano e quem é animal sem se dar conta que o humano é um animal tão semelhante ao animal que o olha, o humano se de ne soberano. Como dizia Jacques Derrida² (1930-2004) nessa cena primitiva de um teatro insensato, aquele que é chamado de animal se torna completamente o outro ao meu olhar.

¹2011a ²Ibid.

Com Derrida é possível entender que a identidade do "humano" é um termo que, na maioria das vezes e em inúmeras situações, faz o homem se colocar como superior a outras formas de vida. Antes de qualquer consideração biológica sobre o ser humano, é possível entender o ser humano como uma identidade que emana poder e vê em qualquer dessemelhança uma vida inumana.

Ser humano pode ser uma verdade biopolítica que institui o outro como um inumano dentro das relações sociais. O ser humano, enquanto ser,

possivelmente, foi aquele que racionalizou seu modo de viver e por esse motivo passou a existir historicamente. Ele registra suas memórias e manipula seus registros. No entanto, é com Jacques Derrida em seu livro *Gramatologia*³ que se pode interpretar que tudo não deve ser pensado de uma só maneira. Partindo dessa interpretação, as verdades poderiam ser questionadas criticamente sempre. Descer por goela abaixo como alimento que sustenta e basta, em muitos aspectos, é viver no preconceito sem se dar conta. Segundo Derrida, as escrituras - ou seja, as simbologias criadas discursivamente - são abertas pela exposição de um projeto classista e sistemático. Logo, nossa identidade "humana" pode ser considerada como dispositivo de um sistema fechado e poderoso.

³2011b



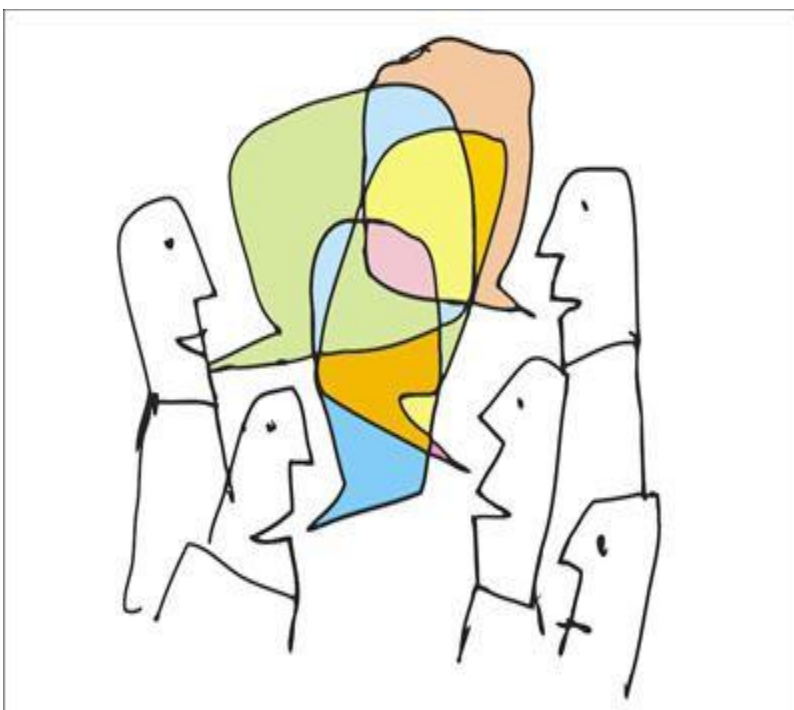
DIÓGENES de Sínope é o mais folclórico dos filósofos. Mendigo, fez da pobreza uma virtude. Diz-se que vivia num barril e carregava uma lamparina, procurando um homem honesto. Pela forma como vivia, era conhecido como *kinos*, o cão. Apesar de atacar os valores gregos, suas ideias foram disseminadas pelo mundo

Para entender melhor sobre sistema identitário pode-se recorrer a Kathryn Woodward em seu texto *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*⁴. Para ela, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável. Por meio dos escritos de Woodward é possível concluir que o humano, como identidade do ser, foi coagulado⁵.

⁴ 2009

Nesse sistema, a identidade coagulada do humano decide no lugar do outro, que considera inumano, quem pode falar de si. O humano é aquele que institui o discurso como meio de persuasão. Para Woodward, os discursos e os sistemas de representação - identidades - constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Michel Foucault (1926-1984) em *A ordem do discurso*⁶ já dizia que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. Nessa ordem, o discurso se materializa e com ele todo um sistema que prescreve e de ne entra em cena.⁵ O termo coagulado usado aqui tem como referência o texto de Jürgen Habermas *O futuro da natureza humana* (2010). ⁶ 2009



O filósofo Michel Foucault abordou a questão do discurso em seu livro *As palavras e as coisas*. Na obra, o autor ressalta que o mundo é um entrelaçamento de marcas e palavras, o que significa que o nosso "mundo de verdades" é simbólico, porque pensamos simbolicamente



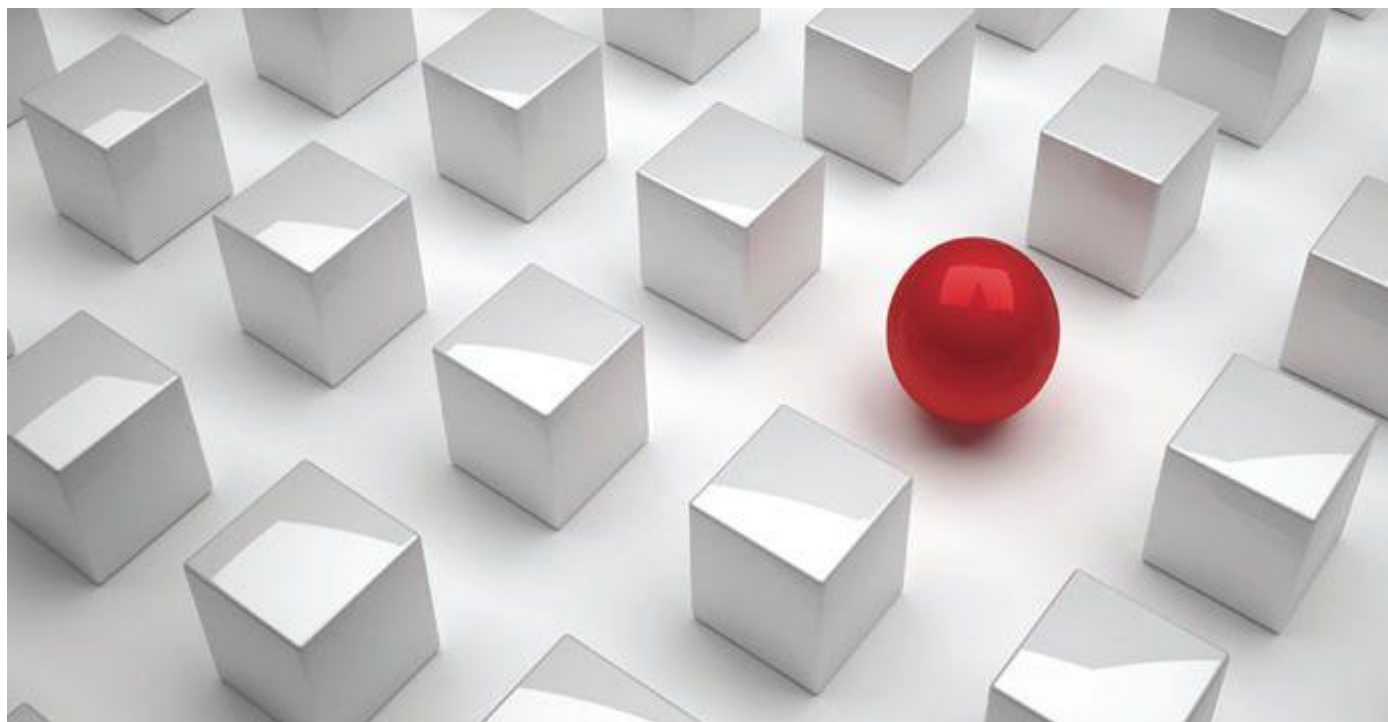
A relação que define quem é humano e quem é animal não leva em consideração que o humano é um animal tão semelhante ao animal que o olha, o humano se define soberano, para corroborar seu desejo de poder. Como diz Derrida, "é uma cena primitiva de um teatro insensato"

Na medida em que o ser se autoidentifica como humano e socializa essa certeza, dissemina seu discurso de convencimento para que se massifique. Ser humano não seria um problema se, de imediato, seu significado não fosse a materialidade pelo discurso de que os humanos são os únicos dignos de poder.

Para Michel Foucault, em *As palavras e as coisas*⁷, por meio do discurso há um desenrolar dos signos verbais pelos quais permanece a representação simbólica, apagando a verdade primeira. É possível entender que Foucault sinaliza para o poder que o discurso tem de anular o estado bruto das coisas. O discurso faz prevalecer o ato simbólico sobre o objeto. Foucault alerta que o mundo é um entrelaçamento de marcas e palavras. Isso significa que o nosso "mundo de verdades" é simbólico porque pensamos simbolicamente. O mundo e todos os valores que o compõem como verdadeiro, inclusive a identidade humana, na medida em que nossos olhos o contemplam, estará cheio de simbologia. ⁷ 2010

Dentro da simbologia que nos cabe, somos para o outro o discurso no qual nos encaixamos. Seremos avaliados segundo o discurso que nos é oferecido como verdadeiro. Portanto, ser humano é ser um animal discursivo que materializa seu poder e hierarquiza pela materialidade. Coagula sua verdade.

A HIERARQUIA PARA EXISTÊNCIA



Jacques Derrida deixa claro que a identidade do "humano", na maioria das vezes e em inúmeras situações, faz o homem se colocar como superior a outras formas de vida. É possível entender o humano como uma entidade que dissemina poder e vê em qualquer diferença uma vida inumana

Se o ser humano é um ser discursivo, na medida em que constrói seus discursos de verdade⁸ para edificar uma hierarquia, possivelmente materializará uma relação antagonica e antitética. Como postulava Michel Foucault em *A arqueologia do Saber*⁹, o discurso é aquilo pelo qual se descreve o objeto e o identifica, o nomina e por isso possui o domínio da memória. Jacques Derrida diz que no gesto de seus discursos institui-se o próprio do homem, a relação consigo mesmo de uma humanidade antes de mais nada preocupada com seu próprio e ciumenta em relação a ele. É possível entender que na ordem do domínio social, o objeto simbólico "humano" se autoidentifica como aquele que deve ocupar o topo de uma hierarquia de poder. É egoísta em relação ao outro que observa como menos humano. ⁸O termo discurso de verdade foi usado por Foucault em seu livro *Microfísica do Poder* (1979). ⁹1969



SOMOS PARA O OUTRO O DISCURSO NO QUAL NOS ENCAIXAMOS. SEREMOS AVALIADOS SEGUNDO O DISCURSO QUE NOS É OFERECIDO COMO VERDADEIRO. SER HUMANO É SER UM ANIMAL DISCURSIVO



Para Kathryn Woodward, a identidade de uma pessoa envolve reivindicações relacionadas à doutrina filosófica essencialista

Homossexuais e preconceito

Os homossexuais, historicamente, são vítimas de preconceito e reações violentas, considerados muitas vezes, na prática, como seres inumanos. Este estigma e a consequente perseguição não oferece trégua. Um dos exemplos mais marcantes de que o tema continua atual é a posição da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, comandada pelo pastor Silas Malafaia, que conta com milhões de seguidores. Malafaia costuma protagonizar intensas polêmicas ao envolver a questão da intolerância. Em 2006, foi o responsável por uma manifestação em frente ao Congresso Nacional contra a lei que criminalizava a homofobia. O pastor afirmou que os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo são a porta de entrada para a pedofilia. "Deveriam descer o porrete nesses homossexuais", disse. Recentemente, Malafaia voltou a demonstrar que a posição de sua igreja abusa do direito de discriminar, pregando superioridade sobre os chamados diferentes: "Se tiver pastor homossexual, perde o emprego", afirmou. Formado em Psicologia, por mais

paradoxal que pareça, o pastor assegura que a homossexualidade "é um comportamento", que pode ser mudado. "Ninguém nasce gay. Não existe ordem cromossômica homossexual. Não existe gene homossexual". E faz uma comparação, no mínimo, infeliz: "A mãe de um bandido ama profundamente o filho, mas pergunte se ela concorda com aquilo que ele faz? Eu amo os homossexuais como amo os bandidos e os assassinos", declarou.

INUMANO ANIMAL

Os inumanos em uma possível hierarquia da existência, de imediato, podem ser os animais. Há muito tempo o ser humano declarou sua superioridade em relação à vida animal e se achou no direito de maltratar e fazer uso em pesquisas cosméticas e farmacológicas. Em algumas ações, há maldade gratuita e sem causa. No Brasil ainda se permite experimentos com espécies animais pelas quais a prática da vivissecção e da eutanásia são permitidas¹⁰. No passado, a prática da vivissecção era ensinada na escola. Rãs ou sapos eram abertos, ainda vivos, com muita normalidade, para que alunos analisassem os batimentos cardíacos. Nessas práticas, o outro - aquele declarado como animal - acaba sendo apenas um objeto.

Não são apenas os animais as vítimas de uma desqualificação por aqueles que se autodeclararam seres humanos superiores. Entre os humanos, existem os que foram vistos e catalogados como espécies inumanas e primitivas, monstrosidades indignas de viver e consideradas dignas de extermínio. Em muitos momentos, os "inumanos" foram objetos da medicina. Cabe lembrar que, até os dias atuais, o corpo dos indigentes é o objeto, permitido por lei, para estudos clínicos. Este fato, obviamente, não é um posicionamento crítico tampouco uma colocação contrária às necessidades dos estudos clínicos. É apenas uma observação. Dado que o corpo do humano de um homem possuidor de uma família, economicamente abastado, trabalhador, não será, na maioria dos casos, dissecado como objeto de estudo. No entanto, o indigente, alguém desaparecido do quadro civilizatório, um "inumano", torna-se objeto para a Ciência. Ser simbolicamente inumano é viver suscetível à verdade do dominador. Mesmo porque o homem indigente, simbolicamente inumano, vive, muitas vezes, como um animal. O indigente-marginalizado come do lixo produzido pelos humanos como os gabirus¹¹, dorme nas ruas feito cão, e toma posse de coisas descartadas pelos humanos capitalizados. Os "inumanos" que habitam as ruas são, em muitos momentos, o reflexo do que se denomina primitivo e monstruoso. Sua dor, seus medos e angústias, para muitos "humanos", não incomoda. ¹⁰Cf: Lei Federal nº 6638 de 08/05/1979



No Brasil, ainda se permitem experiências com espécies animais, pelas quais as práticas da vivissecção e da eutanásia são aceitas



OS "INUMANOS" QUE HABITAM AS RUAS SÃO, EM MUITOS MOMENTOS, O REFLEXO DO QUE SE DENOMINA PRIMITIVO. SUAS DORES, MEDOS E ANGÚSTIAS, PARA MUITOS "HUMANOS", NÃO INCOMODA



UMA DAS principais atrocidades cometidas pelo nazismo foram os experimentos em cobaias humanas. As experiências resultavam em morte, desfiguração ou incapacidade permanente. Eram vítimas os judeus, ciganos, homossexuais, comunistas e pessoas com deficiência mental, considerados vidas sem valor

PERIGOS DO SIMBOLICAMENTE INUMANO

Como exemplo dessa barbárie que se inicia por meio de uma construção cultural e identitária, é possível relembrar algumas narrativas históricas que transformaram alguns humanos em seres inumanos. ¹¹Cf: Homem Gabiru: catalogação de uma espécie (PORTELLA, 1992).

Na história dos surdos, por exemplo, como relata Sergio Andrés Lulkin em seu texto O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada ¹², o surdo era visto como um ser primitivo semelhante ao homem da caverna e por esse motivo digno de ser experimentado pela Ciência. O Dr. Jean Marc Gaspard Itarde, médico do INJS (L'Institut National de Jeunes Sourds) de Paris no século XIX causava feridas, inchaço e cicatrizes em torno das orelhas de muitos surdos. Alguns surdos iam a óbito em nome de uma pseudociência. O direito a experimentação do ser humano ouvinte ao corpo do surdo se deu porque os surdos eram considerados menos humanos que os ouvintes, eram entendidos como seres primitivos. A soberania, que se acreditava existir dos ouvintes sobre os surdos, reduzia a vida dos surdos a uma manipulação científica que, em muitos momentos, anulava a vontade do próprio surdo, eviscerava-lhe o direito de escolha. O anulava. ¹²2005



Até mesmo no cinema, há inúmeros exemplos de casos representados como monstruosidades, como gêmeas siamesas, anões e amputados. Eram considerados aberrações da natureza e, em consequência, inumanos. E isso aconteceu há não muito tempo, ou seja, no início do século XX



Em muitos momentos e através dos tempos, não são apenas os animais que são considerados inumanos, sendo, inclusive, objetos da medicina. A prova é que, até hoje, o corpo dos indigentes é utilizado para inúmeros estudos clínicos, fato permitido pelas legislações de muitos países

Recentemente, uma produção cinematográfica ¹³ intitulada *Venus Noire* ¹⁴, do diretor Abdellatif Kechiche, traz ao grande público a história de uma mulher negra que por sua anatomia passa de "animal de circo" a objeto da Ciência. A mulher hotentote, como era apresentada, era usada como objeto, desprovida de si para viver segundo o olhar do outro que a sujeitava à inumanidade. Jean-Jaques Courtine em seu texto *O corpo anormal* ¹⁵ relata que *microcephalus*, anões, homem-elefante, mulher-camelo, eram formas teratológicas que deslavam nos "entre-sorts" europeus. Tod Browning (1880 - 1962), em seu filme *Monstros* ¹⁶, traz à superfície da tela de Cinema uma gama do que a Ciência chamou, no início do século XX, de monstruosidades humanas. Gêmeas siamesas, anões, amputados, são algumas formas físicas de atores que representam os "freaks". Para o Cinema, estranhas monstruosidades, para a Ciência, aberrações da natureza, e para a sociedade, inumanos, provavelmente. Para os próprios *freaks*, eles eram semelhantes.

Hitler, em seu Estado comandado por ideias fascistas, enxergava os judeus e as pessoas com deficiência como seres inumanos, indignos de vida, uma degenerescência da espécie. Bancados pelo instituto Norte-Americano Rockefeller, algumas experimentações com seres humanos eram possíveis quando esses fossem diagnosticados como inumanos. Como conta John Cornwell em *Os cientistas de Hitler: ciência, guerra e o pacto com o demônio* ¹⁷, para a Ciência nazista de Hitler, judeus, ciganos, *unttermenschen*, retardados, homossexuais e os que sofriam de doenças incuráveis eram vidas sem valor, essencialmente inumanos. Ainda nessa mesma linha de pensamento é possível relembrar a história sobre os negros no Brasil, a história das mulheres lobotomizadas, os transexuais, os cegos, as crianças Down e todos aqueles que, em determinado período, foram catalogados pela Ciência como inumano. É

preciso pensar sobre o valor de se autodeclarar humano e o poder que essa identidade nos atribui quando acreditamos nela. Mesmo porque o homem, esse ser que se autodeclara humano, subordinou a sua racionalidade toda espécie que foi condenada a viver como inválida, indigna e inumana. É perigoso ser humano quando não se vê no espelho que o reflete a semelhança animal que há em cada um. Não foi à toa que São Francisco de Assis, no século XII, se relacionava com tudo que emanava vida e a sustentava, como irmão ¹⁸. Ainda que não se diga, somos todos derivados de uma mesma substância atômica, combinada e recombina na formação do que se pode ser. ¹³Para o filósofo tcheco Vilém Flusser (2009), o Cinema é um aparelho e as imagens transformam conceito em cena ¹⁴2010 ¹⁵2009 ¹⁶1932



O HOMEM SUBORDINOU A SUA RACIONALIDADE TODA ESPÉCIE QUE FOI CONDENADA A VIVER COMO INVÁLIDA. É PERIGOSO QUANDO NÃO SE VÊ A SEMELHANÇA ANIMAL QUE HÁ EM CADA UM

O PRÍNCIPE DE MAQUIAVEL SE METAMORFOSEOU EM HUMANO



Uma produção cinematográfica recente, dirigida por Abdellatif Kechiche e intitulada Venus Noire, conta a história de uma mulher negra, que, graças à sua anatomia, passa de "animal de circo" a objeto da Ciência, mais um exemplo de como o ser humano usa seu poder para revestir o outro de inumanidade

Em síntese, *O príncipe*, de Nicolau Maquiavel (1469 - 1527), no qual um absolutismo impera em nome do poder que atua como Estado soberano e por esse motivo "os fins justificam os meios", pode ser comparado com a moderna identidade humano. Ser humano, em muitos momentos, justifica qualquer administração da vida inumana a favor do seu governo absoluto e dominador. O príncipe pode representar a materialidade do que se vê como verdade quando se domina o outro e o detém como subordinado eterno. Exerce-se sobre ele o poder de vida e morte a favor de si. Ainda que se acredite que os anteprecedentes abordados por Maquiavel em *O príncipe* estejam distantes do homem comum e próximos da Política do Estado atual, a personagem possivelmente é mais presente nas ações humanas do que se pode imaginar. Mesmo porque à medida em que a identidade humana me torna príncipe do reino humano, a subordinação do inumano passa a ser fruto da realeza que simbolicamente passa a existir. Infelizmente ainda existem muitas formas de vida que, ao serem olhadas pelo príncipe humano, se esvaziam. O príncipe se sente soberano pela hereditariedade do sangue que o consagra. Os "inumanos" nascem, dentro do discurso do príncipe, subjugados à mercê da exclusão. No entanto, cabe pensar: hoje príncipe, amanhã inumano. Vítimas de uma queda financeira que qualifica a marginalidade. Muitas vezes, só se sente a dor do outro quando o outro passa a ser o lado que se habita e de onde se olha. Mudar o olhar, porque todos são



Na história do Brasil, há um exemplo clássico da linha de pensamento que classifica humanos como inumanos: trata-se da trajetória do negro, escravizado durante várias décadas, e que, até hoje, é perseguido por preconceitos e situações de violência em função de sua etnia

essencialmente animais, ainda que se negue, essa é a natureza mais verdadeira. Talvez seja preciso, para não cometer os erros do passado, deixar o príncipe metamorfoseado de lado, para se ficar um humano nu. Como dizia Jacques Derrida, é próprio dos animais estarem nus sem o saber. Eles não estariam nus porque são nus. Nenhum animal jamais imaginou se vestir. Logo, pelo que disse Derrida, é possível imaginar que o homem é um ser animal que se vestiu da identidade humana para se tornar príncipe de si mesmo e com seu poder dominador e discursivo, dominar aquele que considera nu dessa identidade vazia¹⁸. Afinal, o inumano, quando assim olhado, teme, sofre, cai, chora, é fruto de um sistema que não o acolhe, é corpo capital, é exemplo de desgraça. Vivencia o dó no olhar, o nojo e desprezo na ação do humano, é excluído pelo olhar e sofre a todo instante uma violência simbólica²⁰. O "inumano" atravessa a rua, pode ser vizinho simbolizado, mas passa despercebido aos olhos do soberano príncipe do Estado, humano. Porque esse se convenceu que é soberano e vestido de si. Seria ético repensar o que significa ser humano. |filo

¹⁸ Informações baseadas no lme Irmão sol, irmã lua, de Franco Ze relli (1972).

¹⁹ O termo identidade vazia foi usado por Michel Foucault em Microfísica do Poder (1979).

²⁰ Termo usado em Filoso a Pop (Tiburi 2011).

REFERÊNCIAS

BROWNING, Tod. **Os monstros**. EUA: Amazing proction, 1932.

COURTINE, Jean-Jaques. O corpo anormal: *História e antropologia culturais da deformidade*. In: COURTINE, Jean- Jaques. **História do Corpo no Ocidente III: As mutações do olhar**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CORNWELL, John. **Os cientistas de Hitler**: Ciência, Guerra e o pacto com o Demônio. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 9. ed.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2009. 19 ed.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **O futuro da natureza humana**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. 2ª Edição. São Paulo: UNESP, 2011a.

_____. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2011b.

LULKIN, Sergio Andrés. *O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada*. In: SKLIAR, Carlos (Org.)

A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

PORTELLA, Taciana et al. **Homem gabiru**: catalogação de uma espécie. São Paulo: Hucitec, 1992.

TIBURI, Márcia. **Filosofia Pop**: poder e Biopoder. São Paulo: Bregantini, 2011.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

ZEIRELLI, Franco. **Irmão sol, irmã lua**. Itália, 1972.

EDUARDO DE CAMPOS GARCIA é doutorando e mestre em Educação, Arte e História da Cultura pelo Mackenzie. Especialista em Libras pela FIJ. Especialista em Mes pela PUC-SP. Graduado em Pedagogia pela UNIG e em Letras pela UBC/MC-SP. Atualmente é professor pesquisador do departamento de Educação da UNINOVE. **Revista FILOSOFIA, Março de 2013.**

Poder, dinheiro e sexo (LUIZ FELIPE PONDÉ)

"**MEUS DEUS**, eu queria tanto ouvir um pecado novo." Esta frase me foi dita por uma amiga minha, uma verdadeira dama, citando um padre amigo seu. Esta fala revela a repetição dos temas humanos: dinheiro, poder, sexo. Nada há de novo embaixo do sol, como diz a Bíblia Hebraica. Iniciantes acham que há.

Posso imaginar a monotonia do confessionário. Para nós, mero mortais, a ideia, por exemplo, de uma mulher contando suas infidelidades, reais ou imaginárias, é uma delícia de luxúria. Para o apreciador do sexo frágil, o segredo do mundo está entre as pernas das mulheres. Aliás, a luxúria é um dos sete pecados capitais. E pecado é coisa séria, apesar de hoje estar na moda achar que não existem mais pecados. Eu, que sou um medieval, creio mais neles do que nas ciências humanas.

Ingênuos acreditam que a vida mudou em sua "essência". Mesmo o caso do Vatileaks repete a velha história de poder, dinheiro e sexo. Mesmo Jesus, em seus 40 dias no deserto (que por sua vez simbolizam os 40 anos do povo hebreu perdido no Sinai, pós-Egito), foi tentado nesta velha chave: poder, ouro, mulheres. Mas existe uma hierarquia nesta estrutura. Por exemplo, ninguém nunca perdeu mulher perseguindo dinheiro (ouro), mas sim perdeu muito dinheiro perseguindo mulher, portanto, dinheiro é mais essencial e seguro do que começar por mulheres. Uma vez tendo o dinheiro, elas virão.

"Sabedorias" como essa falam do pecado, essa marca de nossa natureza humana. Prever o comportamento humano a partir do pecado é quase uma ciência exata. Uma coisa chata sobre essa ciência exata do pecado é justamente ela furar

nossas utopias. E o mundo moderno, assim como é o tempo da técnica e da ciência, é também o tempo da mentira moral generalizada que se diz utopia.

Adianto que não uso pecado aqui como algo necessariamente religioso, mas sim como traço de comportamento verificável do tipo "ratinho do Pavlov": os sete pecados capitais funcionam "cientificamente" melhor do que a luta de classes. Lembre, por exemplo, da inveja que seu colega de trabalho tem quando você tem mais sucesso do que ele. E se ele não reagir de modo banal, isto é, babar de inveja, saiba que você está diante de alguém de caráter. Coisa rara. As feias querem matar suas colegas mais bonitas. A única esperança das feias é que as bonitas sejam mesmo burras e superficiais.

Mas a luxúria é top. Depois da revolução sexual pensamos que a luxúria não existe mais e que "sexo salva". Pensar isso é coisa de iniciante. O que caracteriza o pecado é que ele extenua a pessoa. A ideia mais perto disso é a ideia de vício. Vício em drogas, álcool. Luxúria seria o vício no sexo. Alguns especialistas acham que não existe vício em sexo e que falar disso é simplesmente ser "moralista" ou ter inveja de quem faz muito sexo. Eu suspeito de que quem acha que não existe vício em sexo é que não faz sexo o suficiente, por isso não sabe o que é estar submetido a um desejo que destrói a alma. Neste caso, a simples visão de uma mulher, suas pernas, sua voz, seus gestos, implica no silêncio do resto do mundo.

Os antigos e medievais entendiam mais da natureza humana do que nós, principalmente porque eram menos utópicos e não sofriam dessa bobagem de achar que é a "ideologia" que determina quem somos. A "crítica da ideologia" é uma das pragas contemporâneas e virou uma espécie de fetiche do pensamento, que nos impede de ver o óbvio: poder e dinheiro trazem sexo, seja homem ou mulher, isso não é "ideológico". Quase todo mundo faz quase o tempo todo quase tudo por poder, dinheiro e sexo. Sobre o risco de conceitos virarem fetiche, o livro de Luís de Gusmão, "O Fetichismo do Conceito" (Topbooks), é uma pérola. Recomendo para quem acredita em "mitos".

Autores como Evágrio Pônticos (345-399), Santo Agostinho (354-430) e São Tomás de Aquino (1225-1274) podem nos ensinar bastante sobre natureza humana. Saia da moda e leia os antigos e os medievais. Pra eles, o pecado é a perda da autonomia da vontade. Quem nunca viveu isso, que se cale e vá brincar.

ponde.folha@uol.com.br. Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2013.

Dilemas e cartilhas (CONTARDO CALLIGARIS)

NA COLUNA da semana retrasada, "Para que serve a tortura?" (www.migre.me/dwB4Y), propus um dilema moral. Uma criança sequestrada está num lugar onde ela tem ar para pouco tempo. O sequestrador não diz onde está a criança. A tortura poderia levá-lo a falar. Você faz o quê?

Entre os muitos leitores que me escreveram, menos de 10% entenderam que eu estaria promovendo o uso da tortura; mesmo esses, em sua maioria, usaram o dilema para pensar (com seus botões) no que eles fariam. Na semana passada, na Folha, Vladimir Safatle e Marcelo Coelho entenderam que meu dilema favorecia a tortura. No domingo, Hélio Schwartsman tentou colocar alguma ordem nessa cacofonia. Pena que nem Safatle nem Coelho fizeram o único exercício que um dilema moral pede: o de pensar nos termos que ele propõe. Muito pior: ambos declararam que não gostam de dilemas. Caramba!

Tentando não ser chato para quem não seguiu a controvérsia, aqui vai:

1) Dizer que você é contra a tortura porque ela não funciona é como dizer que a gente não deve assaltar o vizinho porque ele não tem dinheiro no bolso.

2) Duvidar que a tortura funcione é um pouco covarde para com os milhares de sujeitos, mundo afora, que foram forçados a entregar um nome ou a assinar uma confissão e carregam, por isso, cicatrizes mais profundas das que ficaram em seu corpo -sobre isso, leia-se "Exílio e Tortura", de Marcelo e Maren Viñar (ed. Escuta).

3) Para nos induzir a pensar, um dilema moral deve nos empurrar para uma posição diferente da de nossos princípios. Exemplo: o primeiro dilema de Kohlberg é sobre alguém que precisa de remédios para o filho e só pode consegui-los assaltando a farmácia. Esse dilema vale apenas para quem considere que assaltar é errado.

4) Nota: Lawrence Kohlberg é o piagetiano que pesquisou a formação e as estruturas do pensamento moral. Ele inventou e experimentou uma educação moral pela prática dos dilemas (que eu saiba, é o único projeto de educação moral que não se pareça com uma doutrinação). Sugestão: antes de falar de dilemas, ler as obras principais de Lawrence Kohlberg -no mínimo, os "Essays on Moral Development".

5) Um dilema nunca é um modelo para situações parecidas, pois a vida real é sempre mais complexa. Mas o dilema é o formato padrão da experiência moral moderna, na qual o que é justo é decidido não por conformidade a uma regra, mas por nós, incertamente.

6) A infância é a idade tentada pelas cartilhas e pelos catequismos, até porque é a época em que os representantes das certezas mais tentam arregimentar as crianças -nos Balilla, na Hitler-Jugend, na Unión de Jóvenes Comunistas etc. Não tem nada mais pueril do que uma certeza moral. A maturidade é (ou deveria ser) a época da incerteza e dos dilemas.

7) O dilema estimula a moralidade porque nos encoraja a não escolher por respeito a supostos princípios ou por medo de uma punição. Para Kohlberg (e para mim), seja qual for a escolha, escolher pelo foro íntimo é sempre mais moral do que escolher por obediência a uma cartilha.

8) A modernidade se pergunta quem é o homúnculo que pilota nosso foro íntimo. Alguns, de Kant a John Rawls, apostam num homúnculo formal, parecido em todos nós, de maneira que seja garantida a existência de uma cartilha moral

universal. Outros (com os quais me dou melhor) acham que quem escolhe são os indivíduos concretos, em toda sua miséria. Há, aliás, uma certa grandeza humana na desproporção entre o caráter "indigno" do que nos motiva e o caráter eventualmente grandioso e generoso de nossos atos.

Explico: um sujeito concreto não tem os direitos humanos cravados no peito pelo dedo divino; se ele for contra a tortura, será porque seu pai foi torturado ou porque seu pai foi um torturador, porque seu colega do primário arrancava as asas das moscas ou porque ele mesmo fazia isso, porque os pais lhe disseram que não é para torturar, ou porque ele foi torturado pelos pais. Etc. Etc.

10) Safatle chamou sua coluna "Questão de Método". Li "Questões de Método", de Sartre, 47 anos atrás. E ainda me lembro da lição: o recurso aos princípios esconde as particularidades concretas.

11) Em qualquer momento histórico, entre os homens de bem, que resistem ao totalitarismo do momento, pode haver homens atormentados por dilemas e também portadores de cartilhas opostas às dos opressores.

Mas, em qualquer momento histórico, entre os opressores e os torturadores, só há portadores de cartilhas.

ccalligari@uol.com.br. Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2013.

Hugo Chávez e seu legado controverso (DANIEL BENDER)

O POPULAR, autoritário, carismático e workaholic líder venezuelano Hugo Chávez, falecido esta semana, vai permanecer por muitos anos como uma peça central para quem quiser entender o que se passou no mundo depois do final da guerra fria. Ao contrário da maioria dos caudilhos latino-americanos, Chávez era bom de voto. Muito bom de voto, por sinal. E gostava de fazer piadas.



Chávez era tão bom nas urnas que qualquer crítica soa antidemocrática, afinal, ele sempre teve o mandato popular para governar. Fez seguidos referendos que lhe conferiam mais poder, mas ainda assim, como se pode rotular alguém de autoritário quando faz 60% dos votos em seguidas eleições? E como denunciar o homem que finalmente distribuiu as riquezas do petróleo entre seu povo? Não precisa nada disso, Chávez foi o primeiro caudilho do século XXI. **Caudilho?**

caudilho
cau.di.lho

sm (cast caudillo) **1** Chefe de um bando ou partido que defende uma ideia. **2** Cabo de guerra. **3** Chefe militar.

Michaelis

Para ser caudilho é preciso ser autoritário e Chávez era autoritário. Durante anos ele centralizou o poder em suas mãos e controlou pelo menos 2 organizações paralelas na Venezuela. Uma, de características assistencialistas, seria formada pelas Missões Bolivarianas. A segunda, de caráter militar, é uma milícia com mais de 100 mil pessoas armadas que atende pelo nome de "Missão Bolivariana" criada após a tentativa de golpe frustrada de 2002.

Vejam o que diz o Washington Post:

The militia is named after Simon Bolivar, the independence hero who is an inspiration for Chavez, and its members range from housewives to engineers to public employees. Men and women in the militia regularly attend weekend training sessions where they learn to fire cannons, mortars and machine guns.

(...)

Chavez, who survived a failed coup in 2002, says the militia should be prepared to defend the country against any threat, foreign or domestic.

"A milícia tem o nome de Simon Bolívar, o herói da independência, que é uma inspiração para Chávez, e seus membros vão de donas de casa à engenheiros e funcionários públicos. Homens e mulheres da milícia frequentam regularmente as sessões de treinamento de fim de semana, onde eles aprendem a utilizar canhões de fogo, morteiros e metralhadoras.

(...)

Chávez, que sobreviveu a um golpe fracassado em 2002, diz que a milícia deve estar preparada para defender o país contra qualquer ameaça, nacional ou estrangeira".

Na ocasião, em 2002, reza a lenda que Chávez estaria cansado pelos protestos constantes por sua renúncia e teria pedido ao exército que intervisse com força para acabar com aquilo. O exército negou e Chávez fez o que qualquer presidente faria em seu lugar: renunciou e passou o poder para o exército.



Hugo Chávez, em 2002

Algumas horas depois, sabendo da renúncia do presidente, um dos líderes opositoristas se declarou presidente. O exército teria percebido a besteira que tinha feito e heroicamente voltou atrás. Após o golpe, a oposição ainda tentou

tirar ele do poder com uma gigantesca greve que paralisou o país e derrubou o PIB nacional em 2003. Ao final, o então presidente venezuelano venceu a queda de braço e ainda ganhou um novo brinquedo: controle total sobre a maior empresa venezuelana, a PDVSA.

Venezuela Saudita

Após a greve, uma nova realidade emergiu na economia mundial. Os esforços de Chávez em reativar a OPEC, a própria greve que diminuiu a oferta do petróleo e a invasão do Iraque catapultou o preço do petróleo para valores recordes superiores aos da década de 1970. Para a Venezuela, isso significava dinheiro extra para investir em medidas populistas e extensos programas sociais. De fato, uma lei obriga a PDVSA a destinar 10% de toda sua receita para um fundo de ações sociais. Sem falar no preço ridículo e economicamente insustentável da gasolina no mercado interno venezuelano, cerca de R\$ 0,10 por litro. Há ainda as doações de petróleo feitas para países amigos, como Cuba.

Embora seja louvável o foco assistencialista, afinal, **pela primeira vez na história da Venezuela a riqueza do petróleo era dividida com todos**, essas medidas acabaram impactando no resultado da PDVSA. Há anos a empresa não consegue investir em pesquisa e exploração como deveria e a produção caiu cerca de 30% desde a fundação do "Chavismo".

Pior do que isso. Tente imaginar uma empresa com o faturamento da Petrobras contida em um país com apenas 1/5 da população brasileira. Assim é a PDVSA na Venezuela. Ela e o governo atuam como dois "buracos negros" de oportunidades, oferecendo melhores salários e os melhores contratos empresariais. Conquistá-los, claro, não é nada fácil. Aí entra o "jetinho venezuelano", o que explica porque este país está cada vez melhor colocado nos rankings de corrupção e transparência. Segundo a Transparência Internacional, a Venezuela é o país mais corrupto das Américas junto com o Haiti.

Alô Presidente

É preciso admitir que Chávez ousou mexer com a ordem estabelecida. **O cara tinha culhões**. No primeiro dia como presidente, seu juramento já mostrava o respeito que ele tinha pelo poder e como ia dançar do seu jeito.

Juro delante de Dios, juro delante de la Patria, juro delante de mi pueblo que sobre esta moribunda Constitución impulsaré las transformaciones democráticas necesarias para que la República nueva tenga una Carta magna adecuada a los nuevos tiempos. Lo juro.

"Eu juro por Deus, eu juro diante da Pátria, eu juro diante de meu povo que sobre esta moribunda Constituição empurrarei as transformações democráticas necessárias para que a nova república tenha uma Magna Carta adequada aos novos tempos. Eu juro."

Ninguém presta juramento a uma constituição moribunda. Só Chávez e, talvez, Chuck Norris atuando no papel de Hugo Chávez. A partir daí começou o encantamento geral da nação. A primeira arma foi o programa de televisão *Alô Presidente*, em que Hugo Chávez passava até 6 horas ao vivo respondendo telefonemas de espectadores. Eventualmente o programa acabou se tornando mais um espaço para divulgar as novidades do governo.

Depois Chávez mudou o nome do país para *República Bolivariana da Venezuela* em homenagem a Simon Bolívar, o maior herói da história do país e homenageado frequente. Diz a lenda que, em algumas reuniões, Chávez mantinha uma cadeira vazia para que o fantasma de Bolívar pudesse participar. E então o presidente elegeu um inimigo externo comum. Neste caso foram os norte-americanos. Eles seriam culpados por tudo e o atual vice-presidente chegou a "denunciar" a responsabilidade estadunidense até na doença de Chávez.

Mais recentemente, o homem passou a distribuir casas para seguidores no Twitter. A última casa, por sinal, foi entregue pouco depois dele voltar de Cuba pela última vez.

Legado controverso

É fato que Hugo Chávez teve seus méritos ao distribuir a riqueza do povo, mas, de certa forma ele "malufou" a Venezuela e preparou um legado maldito para seu sucessor. A economia está ainda mais dependente de petróleo, a inflação subindo e o endividamento continua crescendo. Em 2005, a conta óleo representava 85% das exportações. Em 2006 foi 93%, 2007 94%, 2008 95%, 2009 93% e em 2010 foi de incríveis 97%. Na Arábia Saudita, para ficar em um exemplo, esta concentração é de 90% e o país está localizado em um deserto quase estéril.

Isso ocorreu mesmo com o volume de produção de petróleo caindo ano a ano. Hoje o faturamento da PDVSA, a única empresa responsável por explorar a segunda maior reserva de petróleo do mundo é menor do que a Petrobras e apenas 20% da sua contraparte saudita. Ou seja, a galinha de ovos de ouro está doente.



Chávez e seu possível sucessor, Nicolas Maduro

Além disso, Chávez concentrou boa parte do poder nas mãos do presidente e pode ser que o próximo ocupante do cargo não seja tão bem humorado quanto ele. Por sinal, o histórico de buscar um inimigo externo tornou fácil a vida dos próximos líderes do "Chavismo". Eles não são responsáveis por nada, a culpa é sempre dos EUA.

O seu alinhamento diplomático anti-EUA acabou por se mostrar temeroso. A Venezuela agora tem "amigos" de índole muito questionável, como Síria e Irã. Os ataques repetidos à liberdade de expressão e a radicalização da política por meio do uso de suas milícias são outros pontos que certamente irão infernizar a Venezuela nos próximos anos. E para você, o legado de Chavez é mais positivo ou negativo?

DANIEL BENDER Tolo pagão, ex-estivador e boxeador nas horas vagas. Montou uma loja voltada para machos convictos ("Mulher, Cerveja e Futebol") e seu blog é um verdadeiro milagre do Mobral. Site <http://papodehomem.com.br/>, Março de 2013.

O papa tem corpo (JORGE CLÁUDIO RIBEIRO)

"... Para governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor tanto do corpo como do espírito; vigor que, nos últimos meses, diminuiu em mim de tal forma que hei de reconhecer minha incapacidade para exercer bem o ministério que me foi encomendado."

Essa foi uma das mais revolucionárias declarações deste início de século. Ao anunciar sua renúncia, Bento 16 --agora papa emérito, recolhido em Castel Gandolfo - manifestou uma constatação que, embora óbvia, tomou de surpresa a tantas pessoas (dentre as quais não me incluo) mundo afora. Que constatação foi essa? Que, como todos os seres vivos, também ele tem/é um corpo. Tal como você, eu, tal como Jesus. A corporeidade é nosso inarredável ponto de partida, pela qual somos sensíveis, relacionais e históricos.

Descer do pedestal talvez tenha sido penoso para Sua Santidade, que passou boa parte de sua vida olhando para a corporeidade alheia, em geral nela apontando o que considera mazela e desvio. Enquanto isso, instalou-se numa platônica torre de marfim em que manjava com maestria ideias e doutrinas distantes dos principais dilemas dos companheiros e companheiras de humanidade. Eis que - à semelhança de casais homossexuais, usuários de camisinha e de anticoncepcionais, perpetradores e vítimas de pedofilia, padres ansiosos por casar, mulheres com vocação ao sacerdócio,

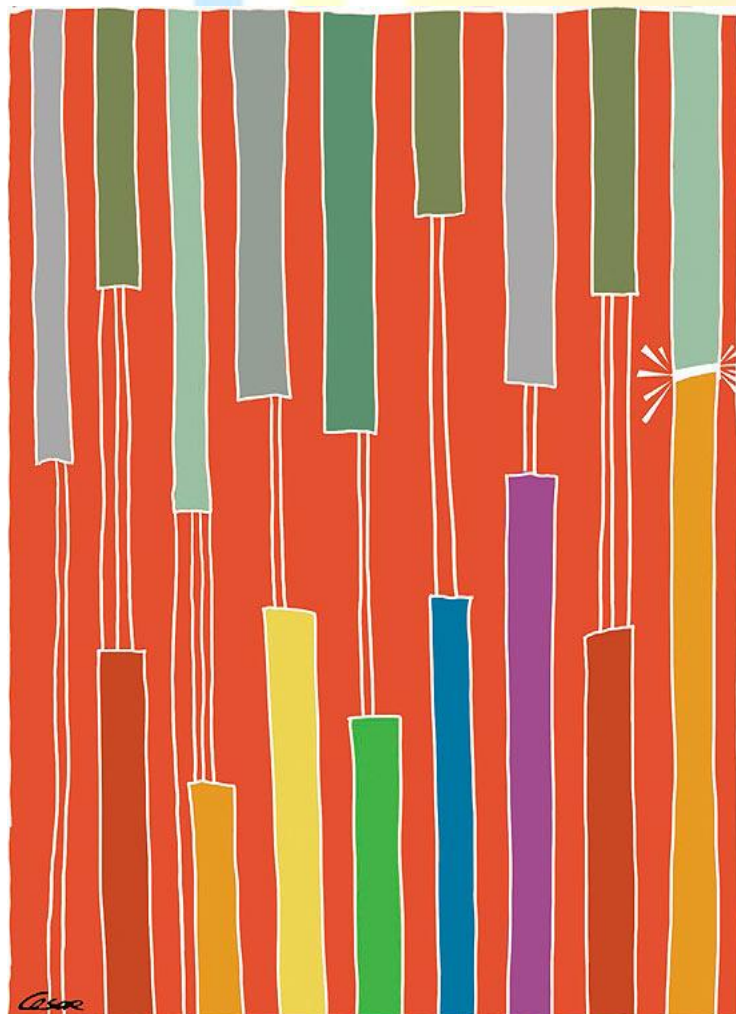
empurrão do erário não é exatamente um oásis no meio do SUS. Autorizados pela agência reguladora, proliferam planos de saúde pobres para pobres, substitutivos "meia-boca" do que deveria ser coberto pelo regime universal. Na vida real, são prazos de atendimento não cumpridos, poucos especialistas por causa de honorários ridículos, número insuficiente de serviços diagnósticos e de leitos, inclusive de UTI, negativas de tratamentos de câncer, de doenças cardíacas e transtornos mentais, redes reduzidas que impedem o direito de escolha e geram longas filas e imposição de barreiras de acesso, como triagens e autorizações prévias.

Quem tem plano de saúde conhece bem esse calvário. Limitados pelos contratos, dirigidos a jovens e sadios formalmente empregados, os planos de saúde não aliviam nem desoneram o SUS, pois fogem da atenção mais cara e qualificada. Não são adequados para assistir idosos e doentes crônicos, cada vez mais numerosos. Assim, os serviços públicos funcionam como retaguarda, uma espécie de resseguro da assistência suplementar excludente. Nos Estados Unidos, a reforma de Obama enquadra os planos privados e tenta colocar nos trilhos o sistema mais caro e desigual do mundo. País de recursos escassos, se delegar o futuro a quem visa o lucro com a doença, o Brasil seguirá é o caminho da Colômbia, que vive um colapso na saúde.

É inaceitável, em uma sociedade democrática, a intenção do governo de abdicar da consolidação do SUS, de insistir no subfinanciamento público e apostar no avanço de um modelo privado, estratificado, caro e ineficiente. O Movimento Sanitário, o Conselho Nacional de Saúde, o Congresso Nacional, o Ministério Público e o Supremo Tribunal Federal precisam se manifestar sobre esse despropósito inconstitucional.

LIGIA BAHIA, 57, é professora do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro; **LUIS EUGENIO PORTELA**, 49, é professor da Universidade Federal da Bahia e presidente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco); e **MÁRIO SCHEFFER**, 46, é professor do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2013.**

Ditadura gay e direitos humanos (MARCO FELICIANO)



DIAS ATRÁS, o deputado Gabriel Chalita (PMDB-SP) foi sugerido para o Ministério da Ciência e Tecnologia. Houve protestos de alguns da comunidade científica pelo simples fato de ele ser católico praticante e seu nome foi vetado. Agora é a vez de um pastor evangélico ser questionado para presidir a Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados. Perseguição religiosa?

A presidência da CDHM, pela proporcionalidade entre legendas, ficou com o meu partido, o PSC. A indicação do meu nome gerou um furacão de manifestações dissimuladas pela internet por parte de militantes da comunidade GLBTT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais). Algumas me acusaram de ser racista e homofóbico.

Tudo teve início quando postei na internet que os africanos são descendentes de um "ancestral amaldiçoado por Noé". Referia-me a uma citação bíblica, segundo a qual o filho de Noé, após ser amaldiçoado pelo pai, foi mandado para a África. A maldição foi quebrada com o advento de Jesus, que derramou seu sangue para nos salvar. Não usei a palavra negro, pois me referia a um povo definido por uma região e não pela cor de sua pele.

Sou pastor e prego para pessoas de todas as etnias. Nunca, nem antes nem depois desse episódio, fui considerado racista, inclusive porque corre em minhas veias sangue negro também. Amo o continente africano. Sou querido pelo povo de Angola, onde fiz trabalhos.

Sobre homossexuais, minha posição é mais tolerante do que se pode imaginar. Como cristão, aprendi no Evangelho que somos todos criaturas de Deus. Nunca me dirigi a nenhum grupo de pessoas com desrespeito. Apenas ensino o que aprendi na Bíblia, que

não aprova a relação sexual nem o casamento entre duas pessoas do mesmo sexo. Fora isso, a salvação está ao alcance de todos. Essa é a minha fé --só prego o amor e o perdão.

No entanto, esses militantes GLBTT rotulam como homofóbica qualquer pessoa que discordar de suas posições. Acusam de incitação à violência, o que qualquer pessoa isenta sabe que não é verdade. Mas, jogada ao vento, essa mentira causa estragos à imagem do acusado perante a opinião pública. Vivemos uma ditadura gay.

No ano passado, tentei participar de um seminário organizado pela CDHM e presidido pelo deputado Jean Wyllys. Apavorei-me com o tema: diversidade sexual na primeira infância. Fui recebido com palavrões pelos militantes GLBTT. Foi-me dado um minuto para falar, mas não consegui. A militância não permitiu. Foi desesperador ouvir dos que ali estavam que se um menino na creche, na hora do banho, quisesse tocar o órgão genital de outro menino não poderia ser impedido. Afinal, segundo eles, criança não nasce homem nem mulher e sim gênero e se descobre com o tempo. Se forem impedidos na primeira infância, sabe-se lá o que pode acontecer...

A fúria deles é por saber que questiono suas pretensões. Defendo a Constituição e ela precisaria ser alterada para aprovar suas lutas. Não se pode tratar naquela comissão apenas desses assuntos. É preciso isonomia. Outros grupos precisam de igual atenção. Existem assuntos que caíram no esquecimento. Os brasileiros que estão aprisionados de maneira sub-humana em diversos países como imigrantes ilegais. A demarcação das terras dos quilombolas. O tráfico de mulheres e de órgãos. O atendimento das famílias dos autistas. Os portadores de necessidades especiais. Não basta aprovar leis, é preciso saber se estão sendo respeitadas.

Por que a CDHM não questiona o Executivo sobre manter relações comerciais com um país que condena à morte pessoas por sua opção religiosa ou sexual, como o Irã? Essa comissão é muito mais importante do que discussões rasas. Peço a Deus sabedoria para levar adiante tão honrosa missão.

MARCO FELICIANO, 40, pastor evangélico, é deputado federal pelo PSC-SP. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Março de 2013.

Cinismo cruel (JEAN WYLLYS)

GRAÇAS AO jogo de interesses entre os partidos da base aliada, é quase certo que o pastor e deputado Marco Feliciano presidirá a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados.

Esse fato não é escandaloso - e eu não me oponho a ele - pelo simples fato de ele ser pastor. Se o deputado Marco Feliciano fosse um pastor identificado com a garantia dos direitos humanos e da dignidade das minorias estigmatizadas, não haveria problema algum e eu não faria qualquer oposição.

Acontece que o deputado Marco Feliciano é um inimigo público e declarado de minorias estigmatizadas e tem um discurso público que estimula a violação da dignidade humana desses grupos. Como pode presidir uma comissão de direitos humanos e minorias um deputado que disse que o problema da África negra é "espiritual" porque "os africanos descendem de um ancestral amaldiçoado por Noé", revivendo uma interpretação distorcida e racista da Bíblia, que já foi usada no passado para justificar a escravidão dos negros?

Como pode presidir uma comissão de direitos humanos e minorias um deputado que se referiu à Aids como "o câncer gay"? Um deputado que defende um projeto de lei para obrigar o Conselho Federal de Psicologia a aceitar supostas "terapias de reversão da homossexualidade" anticientíficas e baseadas em preconceitos. Um deputado que quer criminalizar o povo de terreiro e enviar pais e mães de santo à cadeia por rituais religiosos que estão presentes nos mesmos capítulos da Bíblia que ele usa para injuriar os homossexuais? Ele lê a Bíblia com um olho só. Um deputado que apresentou um projeto para anular diversas (boas) decisões do Supremo Tribunal Federal, entre elas a sentença que reconhece as uniões homoafetivas como entidades familiares.

Na verdade, para ser justo, o acordo realizado para dar a presidência da CDHM ao PSC, com ou sem Marco Feliciano, já era um grave problema. Trata-se de um partido que fez campanha definindo a família de uma maneira que exclui não só gays e lésbicas, como também as famílias monoparentais, as com filhos adotivos e tantas outras. Trata-se de um partido que defende posições fundamentalistas que vão contra os direitos de muitas das minorias que essa comissão deve proteger.

Eu me formei num cristianismo que acolhe os diferentes, respeitando sua dignidade. Eu me apaixonei na juventude por esse cristianismo que deu origem à Teologia da Libertação, que participou da luta contra a ditadura e que nos deu grandes referências. O PSC, lamentavelmente, não tem nada a ver com isso. E Marco Feliciano menos ainda! Que ele seja o novo presidente da comissão é uma contradição: é como colocar à frente das políticas contra a violência de gênero um cara que bate na mulher.

É isso que milhares de brasileiras e brasileiros estão sentindo nesse momento: que a Câmara bateu neles. Em nós -- confesso que eu também senti. Às vezes, me pergunto o que estou fazendo aqui. Mas depois vejo a mobilização de milhares de pessoas para impedir essa loucura e penso: é isso que estou fazendo, tentando representar aqueles que, como eu, sempre receberam mais insultos e porradas que direitos e estima! Saibam que não estão sozinhos! Luta que segue!

JEAN WYLLYS, 38, é deputado federal pelo PSOL-RJ. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Março de 2013.

O céu não desabou na Venezuela (MARK WEISBROT)

A DESVALORIZAÇÃO recente da moeda venezuelana provocou alguma discussão na imprensa internacional. Boa parte dela se baseia em números equivocados e análises falhas, fato que não surpreende. Desta vez, o prêmio de erro numérico vai para Moisés Naím, por escrever no "Financial Times" que "durante a presidência de Hugo Chávez, o bolívar foi desvalorizado em 992%".

Os fãs da aritmética vão notar imediatamente que isso é impossível. O máximo que uma moeda pode ser desvalorizada é 100%, ponto no qual valeria zero dólares. Parece que uma gama muito grande de exagero é permissível ao se escrever sobre a Venezuela, desde que seja exagero negativo. Segundo a maioria dos relatos da mídia, a Venezuela precisou desvalorizar sua moeda, o "bolívar fuerte", para conseguir mais bolívares para cada dólar de receita petrolífera. Reflitamos sobre isso. Quando o governo desvaloriza a moeda de 4,3 para 6,3 bolívares, o que está fazendo? Está dando dois bolívares fortes adicionais para cada dólar recebido em receita petrolífera. Mas é claro que ele poderia criar o mesmo montante de dinheiro sem desvalorizar a moeda.

Os oponentes poderiam objetar: "Mas criar dinheiro eleva a inflação". Contudo, o fato de o governo estar dando dois bolívares adicionais por cada dólar recebido também é geração de dinheiro. A diferença principal é que a desvalorização também eleva a inflação, ao elevar o preço dos produtos importados.

Por que desvalorizar, então? A desvalorização tem outros efeitos. Embora o encarecimento dos importados leve a inflação a subir, também beneficia a produção doméstica, que compete com os importados. E, o que talvez seja mais importante, a desvalorização encarece o dólar, aumentando com isso o custo da fuga de capitais. Isso ajuda o governo a conservar mais dólares dentro do país.

É por isso que as fontes oposicionistas - e, com frequência, a mídia se baseia nelas - dizem que a desvalorização foi insuficiente, que outra virá em breve etc. Elas querem incentivar a fuga de capitais, que imporia mais pressão sobre a moeda. Estão torcendo por uma espiral de inflação-desvalorização, em que a inflação torna a moeda mais sobrevalorizada (em termos reais), suscitando nova desvalorização, que provoca mais inflação, mais fuga de capitais e assim por diante.

Mas as espirais de inflação-desvalorização na América Latina são coisa do passado e uma desvalorização a cada poucos anos está muito longe de ser uma espiral. Na realidade, não obstante as previsões na mídia de que a inflação chegaria a 60% após a desvalorização de janeiro de 2010 - maior que essa última -, a inflação de longo prazo não subiu e a inflação cheia aumentou apenas temporariamente. Depois disso, a inflação caiu por mais de dois anos, ao mesmo tempo em que o crescimento econômico subiu para 5,6% no ano passado.

Quanto à dívida pública, ela é sustentável sem dificuldade. O FMI projeta a dívida pública bruta venezuelana em 2012 em 51,3% do PIB (comparado a mais de 90% no caso da Europa). Uma medida melhor é a carga de juros da dívida externa pública, que em 2012 representou cerca de 1% do PIB, ou 4,1% da receita de exportações da Venezuela.

A economia do país apresenta uma série de distorções e problemas, incluindo escassez recorrente de bens diversos, e alguns deles estão relacionados ao sistema de taxa de câmbio. Mas nenhum dos problemas representa uma ameaça sistêmica à economia, do modo como, por exemplo, as bolhas imobiliárias nos EUA, no Reino Unido, na Espanha e em outros países representaram em 2006.

Apesar dos desejos em contrário tão fortemente representados na mídia, é provável que a economia da Venezuela continue a crescer por muitos anos ainda, pelo menos enquanto o governo continuar a apoiar o crescimento e o emprego.

MARK WEISBROT, 58, é codiretor do Centro de Pesquisas Econômicas e Políticas, em Washington, e presidente da Just Foreign Policy. Tradução de **CLARA ALLAIN**. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Março de 2013.

Entre o pum e o papa (PAULO GHIRALDELLI JR.)

HÁ DOIS elementos centrais na educação ocidental: o pum e o papa. Agostinho foi o pensador que lidou com o que o filósofo contemporâneo Peter Sloterdijk chamou de "a semântica do peido". Agostinho era encantado com as proezas de controle fisiológico. Sua interpretação do pecado original atravessa esse assunto.

Adão e Eva desobedeceram a Deus ao comerem do fruto da árvore do conhecimento. Como membros do paraíso, se tornaram independentes de Deus. A punição imediata foi que eles próprios, em seus paraísos pessoais - seus corpos - viram como é triste não possuir controle. Tornaram-se vítimas da ereção involuntária e outros descontroles corporais. O homem e a mulher sentem vergonha quando agem como um tipo de fantoche maluco.

A luta contra essa sina foi uma meta de Agostinho. Ele se fez herdeiro do "conhece-te a ti mesmo" e da busca do "governo de si" socráticos tanto quanto esse projeto esteve ligado aos estoicos, epicuristas e, por meio de Paulo, aos cristãos. Sua ideia básica: mais que um exército que possa peidar junto, temos de ter uma humanidade com autolimites claros. O papa é o chefe da igreja e o representante da divindade na Terra, dizem os católicos. Sendo assim, é aquele que, ao menos em tese, seria o homem mais apto a controlar seu pum. Com efeito, dificilmente, os papas se desviam de uma vontade férrea e um autocontrole fenomenal. Bento 16 não fugiu à regra. Falou que renunciaria caso não pudesse seguir sua missão e levou a cabo seu dito.

Foi usando dessa força filosófica de seus membros que a igreja contribuiu - não sem dor e sangue - para o caminho civilizatório, especialmente percorrido pelo Ocidente. Em muitos lugares, nos tornamos de tal modo donos de nós mesmos que pudemos deixar nossas juventudes pichar nos muros "É proibido proibir". Por que ousamos fazer isso? O sociólogo Norbert Elias explicou mais ou menos assim: chegamos a tal ponto de sofisticação no autocontrole que pudemos criar zonas temporais e espaciais de "relaxamento dos instintos". A praia é um lugar que mostra bem isso. Até o menos educado já não tem qualquer ereção no meio de outros humanos quase inteiramente nus.

Todavia, se Agostinho e Elias vissem o Brasil, diriam o seguinte: as coisas não estão completas. Muito do que já é dispensado no Primeiro Mundo, aqui ainda é necessário! Tanto isso é verdade que o Estado fez uma esdrúxula campanha nesse Carnaval: "urine no banheiro". Creio que gastamos mais levando o pipi das pessoas ao lugar certo do que dizendo que essa parte do corpo precisa ser protegida para não pegar o HIV. Eis aí esse problema todo traduzido politicamente: queremos que todos sejam livres e responsáveis, de modo a termos uma sociedade liberal, com as regras coercitivas mais brandas possíveis, mas, ao mesmo tempo, não nos responsabilizamos pelos animais, não cuidamos do espaço público, não ensinamos a nossos filhos os chamados "bons hábitos" e não cedemos lugar para os mais velhos em ônibus.

E mais: bebemos e logo em seguida saímos de carro. Isso sem falar o quanto desejamos todos usar da "carteirada". No Brasil, parece que estamos a anos-luz do papa. Ainda não somos donos de nosso próprio pum.

PAULO GHIRALDELLI JR., 55, é filósofo, escritor e professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Março de 2013.

Transparência e integração na segurança (REGINA MIKI)

O Brasil está prestes a dispor de um instrumento que vai garantir muito mais eficiência e rapidez nas ações de segurança pública e combate à violência. Com a aprovação, em 2012, da lei nº 12.681, proposta pelo governo federal, o país terá um Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública, Prisionais e sobre Drogas, o Sinesp.

O sistema integrará União, Estados e Distrito Federal e reunirá dados essenciais para um melhor planejamento e avaliação das políticas públicas desenvolvidas. Também possibilitará maior transparência pelo fácil acesso às informações via internet e, por consequência, proporcionar maior controle social. Cada vez mais alinhado às exigências do Estado democrático de Direito, o enfoque da segurança pública tem sido direcionado à união das ações de repressão policial qualificada, com prevenção à criminalidade, implementada paralelamente a projetos voltados a educação, assistência social, esporte e lazer.

Além de demandar, das três esferas de governo, maior participação comunitária e capacitação dos profissionais que atuam na ponta, a gestão compartilhada da segurança pública exige diagnósticos confiáveis. É impossível gerir políticas públicas sem a consolidação de dados corretos sobre os problemas reais a serem enfrentados. Atualmente, cada unidade da Federação utiliza conceitos, critérios e metodologias diferentes para quantificar e analisar a criminalidade, o que impossibilita a consolidação de números nacionais com precisão. Para garantir a alimentação de dados no Sinesp, a Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp) já começou a tomar medidas para modernizar a gestão das instituições de segurança pública dos Estados, com aquisição de sistema informatizado e customização de sistemas de registros de atendimentos, ocorrências e procedimentos policiais. Até o início de 2014, o Fundo Nacional de Segurança Pública vai garantir a compra de equipamentos e o desenvolvimento de sistemas de informação de Estados brasileiros que já mantêm atualizadas as suas estatísticas. A expectativa é a de que possamos, por meio do Sinesp, criar uma rede nacional de sistemas integrados de informação. Na região de fronteira, a Senasp investe na implantação de um sistema integrado e padronizado de radiocomunicação digital para ampliar a área de cobertura e o aumento do número de terminais. Ações da Estratégia Nacional de Segurança Pública nas Fronteiras (Enafron) seguem no sentido de adquirir infraestrutura e equipamentos que permitam a troca de informações e ações integradas para prevenção, fiscalização e repressão de crimes transfronteiriços.

O sistema analógico usado atualmente pelos entes federados localizados nas divisas do país vai ser trocado por tecnologia digital criptografada. Evitará, assim, que ocorram escutas não autorizadas em operações policiais. O investimento ampliado por parte do governo federal na fronteira é principalmente uma resposta do Estado brasileiro à necessidade de redução do tráfico de drogas, investigação para prisão de traficantes e desarticulação de organizações criminosas.

Ciente de que a droga chega ao país principalmente pela faixa de fronteira e de que o tráfico de entorpecentes está dentre as principais causas de homicídios no país, a Senasp prioriza projetos que se relacionam. Garante a segurança na fronteira, promove ações de enfrentamento ao crack, com o programa Crack, É Possível Vencer, e executa o Brasil mais Seguro, programa de redução da criminalidade violenta por meio do fortalecimento das ações de policiamento ostensivo, investigação criminal, perícia forense e desarmamento. Para o governo federal, a segurança pública é uma prioridade. Até agora já foram alcançados resultados relevantes e muitos outros se aproximam, a partir do amplo espectro de ações, todas tipicamente de Estado, que incidem sobre as atividades essenciais para a segurança pública.

REGINA MIKI, 52, é secretária nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Março de 2013.

A igreja precisa se modernizar? Sim

A obrigação de atingir corações (DOM MURILO KRIEGER)

ANTES DE afirmar que a igreja precisa se modernizar, penso ser necessário responder a uma pergunta que é fundamental: Qual é a missão da igreja? Ao longo de sua pregação, Jesus deixou claro que sua mensagem não era apenas para o povo de Israel, mas que o dom que estava trazendo era destinado a todo o mundo e a todos os tempos.

Após sua ressurreição, confiou essa missão aos apóstolos, que teriam a responsabilidade de fazer discípulos todos os povos. Para garantir que a salvação atingisse a todos, Jesus legou à igreja o memorial da Páscoa, que deveria ser celebrado sem interrupção, até a sua vinda gloriosa (cf. 1Cor 11,26). Os apóstolos, contudo, eram limitados demais para concretizar tão altos sonhos. Jesus os tranquilizou, garantindo-lhes a assistência do Espírito Santo: ele é que atualizaria geográfica e cronologicamente a obra de salvação.

O Livro dos Atos dos Apóstolos testemunha como se deu, já nos primeiros tempos do cristianismo, a compenetração entre a ação do Espírito Santo, os enviados de Cristo e as primeiras comunidades que começavam a ser formadas. Essa atualização contínua da presença viva de Jesus no meio de seu povo tem o nome de tradição. Dito tudo isso de outra forma: a igreja é portadora de um patrimônio que não é dela, mas de Cristo. Fazem parte desse patrimônio a palavra de Deus, os sacramentos, especialmente a eucaristia, a unidade em torno de Pedro e seus sucessores, os escritos dos Padres da Igreja (teólogos dos primeiros séculos), os ensinamentos do magistério, o testemunho dos santos e, particularmente, dos mártires, a devoção mariana, as escolas de oração etc.

Feitas essas colocações, volto à pergunta proposta: A igreja precisa se modernizar? Não tenho dúvida em afirmar: sim, precisa. Ela deve descobrir meios adequados para transmitir a todos os homens e mulheres, de cada tempo e lugar, o patrimônio que recebeu. Do direito que tem cada ser humano de entrar em contato com a proposta de Jesus Cristo nasce o grave dever, da parte dos que já são seus discípulos missionários, de transmitir aos demais a graça que receberam.

A garantia da ação do Espírito Santo na igreja, longe de nos acomodar deve nos levar a ser criativos, inquietos e ousados. Afinal, os atuais meios de comunicação e tecnológicos, que nos permitem entrar no recinto privado das pessoas, especialmente em suas casas, onde de outro modo não conseguiríamos entrar, e atingir corações aos quais não teríamos acesso, são fruto da inteligência humana --inteligência que é dom do Criador. Usá-los, bem como utilizar tudo aquilo que o progresso técnico coloca à disposição dos cristãos, mais do que uma possibilidade é uma obrigação. Essa modernização não nos dispensará do essencial: a busca da santidade e o respeito aos valores que fazem parte do núcleo do patrimônio deixado por Jesus Cristo, como, por exemplo, o reconhecimento da dignidade da pessoa humana, a defesa da vida, desde sua concepção até o seu término natural, a indissolubilidade do matrimônio, a valorização da família etc.

Por fim, é importante ressaltar que --e aqui está o grande legado que o papa Bento 16 deixou à igreja, uma vez que seu pontificado se baseou na contínua reafirmação dessa certeza--, mais do que uma doutrina, somos chamados a anunciar uma pessoa: Jesus de Nazaré, o filho de Deus vivo, que morreu e ressuscitou e que, no final dos tempos, virá para julgar os vivos e os mortos. Conhecê-lo é uma graça; viver segundo ele viveu, uma possibilidade, e anunciá-lo, um privilégio.

DOM MURILO S. R. KRIEGER, 69, é arcebispo de São Salvador da Bahia - Primaz do Brasil. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Março de 2013.

A igreja precisa se modernizar? Não

O concílio já modernizou a igreja (MONSENHOR VICENTE ANCONA)

FOMOS surpreendidos na manhã do dia 11 de fevereiro. Bento 16 (logo ele!), rompendo uma tradição de 600 anos, anunciou que iria renunciar. Voltou-se a viver um clima parecido ao do Concílio Vaticano 2º, no qual a mídia discutia diariamente questões teológicas e morais.

Diz-se que a igreja está encolhendo e em trajetória de extinção. Por que então a figura do papa ainda desperta tanto interesse? Talvez a resposta esteja na própria compreensão que a igreja tem do papa. Por mais atrevido que possa parecer, nós, católicos, acreditamos que ele não erra ao transmitir a doutrina de Jesus Cristo. Não é pouco. Jesus disse "Eu sou a Verdade". Por esse motivo, a igreja afirma que há verdades inegociáveis, e não apenas consensos. Ela ainda aposta, por exemplo, na capacidade (e na beleza) de se viver a fidelidade conjugal e a castidade.

"Não vim abolir a lei, mas cumpri-la", explicava Jesus. Ele não veio modernizar os dez mandamentos da lei de Moisés. Com a igreja ocorre o mesmo. Ela não negocia o núcleo da sua doutrina. Temos a mesma fé de Pedro, de Agostinho e de Teresa de Calcutá. E estamos agradecidos por tantas gerações de católicos que souberam respeitar as condições de sustentabilidade da sua fé. Há uma linha ininterrupta de 264 papas que nos transmite o tesouro que Pedro e os apóstolos receberam diretamente de Jesus Cristo. O papa não é o produto midiático de uma época, mas transcende o seu tempo.

Isso significa que a igreja vive da inércia? Em absoluto. Mas ela não necessita, neste momento, modernizar as suas propostas pastorais, pois o Concílio Vaticano 2º já o fez. Foram estabelecidas as pontes para um diálogo construtivo com o mundo moderno. Trata-se agora de continuar a implementá-las.

O Concílio Vaticano 2º ofereceu luzes para a ação da igreja no mundo. Permitiu uma compreensão mais profunda das consequências da liberdade, da secularidade e do pluralismo. A igreja está apta a conviver com a cultura política contemporânea e a sociedade pós-moderna. A verdade deve ser proposta, e não imposta, repetiu diversas vezes Bento 16. Os textos do Vaticano 2º são uma eloquente manifestação desse equilíbrio entre continuidade e reforma, cujo mérito se deve a Paulo 6º. No entanto, a interpretação de um concílio nunca é um céu de brigadeiro. Sempre há a tentação da ruptura com a verdade revelada, na tentativa de substituí-la pelas opiniões do momento.

João Paulo 2º e Bento 16, ambos protagonistas do Vaticano 2º, sofreram enorme pressão para que pactuassem com tal ruptura. No entanto, escolheram outra via de modernização para a igreja. Estavam serenamente convictos de que o verdadeiro concílio exigia a hermenêutica da reforma na continuidade. Os dois rejuvenesceram a igreja, tanto com os seus escritos - o catecismo da Igreja Católica é surpreendentemente contemporâneo! - como com as suas vidas. Que o digam os funerais de João Paulo 2º, com 174 chefes de Estado e milhões de peregrinos.

Esse equilíbrio entre reforma e tradição é o milagre constante da igreja e o seu desafio permanente. Não é fácil explicar como uma instituição, que começou sendo governada por uns pescadores da Galileia, tenha sobrevivido a tantos impérios, revoluções e cataclismos. Há algo nela que ultrapassa a nossa compreensão. Quando aparecer a "fumata bianca" e for anunciado "Habemus papam" - seja quem for -, vou me posicionar diante da TV para receber a sua bênção. Penso que não conseguirei segurar as lágrimas de alegria, porque a igreja de sempre continua viva e caminha na história.

MONSENHOR VICENTE ANCONA LOPEZ, 63, é vigário regional do Opus Dei no Brasil. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2013.**

Os pais e a ilusão de controle (CRISTIANE SEGATTO)

Do cartão pré-pago para vetar o consumo de guloseimas ao chip para escolher a hora do primeiro beijo. Como criar uma geração de eternos bebês

QUE TAL arranjar um cartão pré-pago para controlar o que os filhos comem na cantina? A ideia foi adotada em algumas escolas da elite paulistana, segundo uma reportagem do colega Jairo Marques, publicada nesta semana na *Folha de S. Paulo*.

Os pais estabelecem um valor de consumo diário, mensal ou como acharem melhor. Pela internet, escolhem quais alimentos e em qual quantidade os filhos podem comprar. Na hora do recreio, o aluno paga as despesas com o cartão. Caso escolha um produto não aprovado pelos pais, a compra é travada. Neca de pitibiriba. Passa amanhã. Preciso admitir que o sistema é prático. Uma comodidade que evita o manuseio de dinheiro, contorna os esquecimentos da molecada avoadada e facilita o controle dos gastos. Educar para a vida, no entanto, não combina com comodidade. É uma tarefa bem incômoda, trabalhosa, que exige uma paciência de Jó.

O cartão pré-pago é mais uma medida desesperada para dar aos pais a sensação de falso controle sobre as escolhas dos filhos. A obesidade atingiu níveis alarmantes, as crianças têm colesterol, triglicérides e glicemia elevados, é uma geração que aos 10 anos tem saúde de quem já passou dos 60? É a mais pura e estarrecedora verdade. Sinto dizer que impingir (e aqui repito: impingir) alimentos saudáveis na hora do recreio será pouco eficaz para reverter a situação. Em geral, uma criança passa 20 horas semanais na escola. O que ela come nas outras 148 horas? Qual é o exemplo que os pequenos recebem dos pais? O que há na geladeira e nos armários? Como são as refeições em casa e nos momentos de lazer?

É inadmissível que uma mãe diga que a filha precisa emagrecer enquanto ela própria enche a casa de todo tipo de bugiganga calórica, açucarada, gordurosa. Crianças não se tornam obesas aos 10 anos sem que os pais tenham negligenciado sua educação alimentar. A não ser, é claro, nos raros casos em que a doença é provocada por questões orgânicas, como disfunção hormonal ou tumores. Assim como a religião, a visão de mundo, a escolha do time, a construção do paladar infantil é fortemente influenciada pela cultura e pelos hábitos da família. Minha filha e as amigas dela sabem o que por no prato porque simplesmente aprenderam a fazer de uma determinada forma. Se tivessem nascido na Mongólia, na Alemanha ou no Japão, fariam diferente.

Como nasceram no Brasil, uma terra na qual tudo dá, aprenderam a comer arroz, feijão, carne, peixe, legumes, verduras e frutas. Chegam da escola cheias de apetite, lavam as mãos e, felizes da vida, dizendo "adoro isso", "adoro aquilo", comem comida de verdade. Todas têm peso normal. Todas consomem guloseimas em momentos especiais. Um passeio ao shopping uma vez por semana, um sorvete, um chocolate, pipoca e batata fria de vez em quando. É uma delícia perceber que o paladar dessas meninas está formado. Não precisam de cartão pré-pago. Simplesmente aprenderam a escolher. Vão levar esse aprendizado para sempre e incrementá-lo com os novos sabores que a vida lhes apresentar.

Com esse excesso de descontrole camuflado de controle, a molecada de hoje está tendo a oportunidade de crescer e de aprender com seus próprios erros e acertos? Creio que não. Do jeito que a coisa vai, daqui a pouco alguma empresa vai inventar um chip para controlar o primeiro beijo dos filhos e tudo o que vem depois. Se algo do gênero estiver em desenvolvimento em algum laboratório de tecnologia, não tenho notícia. Mas acredito que seja o sonho de consumo de muitos pais.

Já pensou? Colocar um chip sob a pele da garota ou preso à roupa para controlar o momento em que ela seria promovida do estágio BV (boca virgem, no vocabulário adolescente) para BVL (boca virgem de língua)? Posso até imaginar alguns pais barganhando as primeiras experiências amorosas dos filhos em troca de desempenho escolar. "Só vou liberar o BD (beijo de Drácula) se você tirar a nota máxima no Enem".

Tempos estranhos esses em que nos colocaram para viver e educar. Educar é permitir que as crianças tomem decisões gradativamente e aprendam a assumir a responsabilidade decorrente de suas escolhas. Quanto desse aprendizado estamos roubando de nossos filhos? Nas mãos de muitas famílias, o celular se transformou em instrumento de controle e coerção. Quando tenho minhas dúvidas de mãe (e elas não são poucas), procuro olhar para trás e pensar na minha própria infância. É sempre instrutivo. Como aprendemos o que era certo ou errado, aceitável ou reprovável? Como escolhíamos o que fazer nos momentos que exigiam decisões rápidas? Como agíamos quando alguma coisa escapava do previsível? Ligávamos para o celular da mãe?

Felizmente não fazíamos isso. Quando eu tinha 10 anos, celular não existia. Tampouco tínhamos telefone em casa. Comunicações de emergência eram feitas pelo orelhão. Sempre brevemente porque a ficha caía e deixava o recado pela metade. Inúmeras vezes tive de decidir por conta própria. E depois arcar com as consequências. Às vezes tomava broncas homéricas da minha mãe na volta para casa. "Você não podia ter feito isso.... O que você tem na cabeça?". Hoje acho graça e agradeço pelas broncas, pelas lambadas que a vida me deu e por ter tido tantas oportunidades de decidir. De erro em erro, de acerto em acerto, aprendi a não ter medo de arriscar.

Foi assim que entendi o que é aceitável socialmente e o que não pode ser negligenciado. E também pude reconhecer os pontos que não eram aceitos socialmente, mas contra os quais valia a pena me rebelar. Tudo por minha conta e risco. Assim se constrói um ser autônomo. Não uma extensão de quem veio antes. Criamos filhos para o mundo, por mais doloroso que esse fato possa parecer. O que você acha? Controlar as escolhas dos filhos é uma boa forma de educá-los? Qual é a sua experiência? Conte pra gente. Queremos ouvir sua opinião.

CRISTIANE SEGATTO, repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. Entre em contato: Email:cristianes@edglobo.com.br. Revista ÉPOCA, Março de 2013.

As condições de vida e trabalho dos professores no Brasil **(ROBERTO FRANKILN LEÃO)**

A história da educação no Brasil é marcada por descasos, improvisações e exploração da força laboral dos trabalhadores escolares, fatos intrínsecos ao modelo de colonização que deu origem ao patrimonialismo estatal e à disseminação de misérias até hoje não superadas pelo país

NUM BREVE contexto histórico, a educação formal no Brasil surgiu cinquenta anos após o Descobrimento e se deu por meio de concessão da Coroa portuguesa à Companhia de Jesus. Naquela época, os padres e irmãos-coadjutores eram responsáveis pelo trabalho escolar, e suas rendas (ou sustento) provinham de dízimos e das atividades pecuárias desenvolvidas nas fazendas da Igreja. Somente em 1759, com a expulsão dos jesuítas do Brasil, o governo da colônia passou a se responsabilizar pela oferta educacional, nomeando professores e remunerando-os uma única vez por ano – condição de quase flagelo que exigia dos mestres outras fontes de recursos para arcar com seus compromissos cotidianos.

Durante a Primeira República (1889-1930), o modelo escolar elitista, já praticado no Império independente de Portugal, regeu a oferta pública educacional, e os professores, em número bastante reduzido – sendo a maior parte composta de profissionais liberais ou servidores públicos que tinham o magistério como segunda atividade econômica, com exceção das normalistas responsáveis pelas classes de primeiras letras –, gozaram de melhores remunerações e condições de trabalho.

O êxodo rural e a industrialização, dois fatores que mudaram a estrutura da sociedade brasileira na primeira metade do século XX, pressionaram o Estado a ofertar ensino público para atender às demandas sociais e econômicas do país. Porém, os interesses das elites dominantes prevaleceram desde então, no sentido de não se optar pela construção de um sistema público de ensino com qualidade. Concedeu-se ao povo o acesso às escolas de primeiras letras com o único objetivo de qualificar minimamente os trabalhadores e seus filhos para o crescente e diversificado trabalho urbano.

Nessa nova fase, a formação profissional do professor ganhou destaque, e as normalistas – em geral mulheres oriundas da classe média e com formação de nível médio – passaram a ser protagonistas no processo da educação popular. Por outro lado, o primeiro curso de graduação voltado à formação do magistério surgiu apenas em 1934, com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Embora as normalistas constituíssem uma emergente classe no mundo do trabalho, acompanhada de profissionais que viviam exclusivamente da renda obtida com o exercício do magistério, fato é que o Estado brasileiro (leia-se, elites) atendeu à crescente demanda social por escola pública sem investir recursos financeiros necessários para manter o padrão de qualidade do modelo elitista da Primeira República. A estratégia centrou-se na posição desprivilegiada da mulher na sociedade – ainda hoje a maior força de trabalho na escola básica, com quase 90% de ocupação dos postos na educação infantil e fundamental – para fracionar a jornada de trabalho, reduzir os salários e precarizar as condições de trabalho, sobretudo por meio de salas superlotadas. A jornada escolar dos estudantes também foi fracionada para que a escola

dispusse de mais espaços físicos (uma única escola chegou a comportar quatro turnos diários) para atender um imenso contingente de crianças, jovens e adultos analfabetos.

Essa estrutura de improvisação do currículo, dos tempos pedagógicos e de exploração do magistério – e até aqui nem se cogitava reconhecer ou valorizar os funcionários escolares (merendeiras, vigias, secretários, zeladores, entre outros) – predominou na cultura de nossa sociedade, não obstante a incessante luta dos trabalhadores em educação inaugurada no início da década de 1940.

Outro agravante no cenário da desvalorização da educação e de seus profissionais reside na própria estrutura federativa, que no Brasil sempre impôs sérias contingências a estados e municípios – responsáveis diretos pelo financiamento da educação pública de nível básico (0 a 17 anos). Ainda no Império, ciente de que a ajuda do poder central era decisiva para melhorar as condições de aprendizagem dos estudantes e de trabalho dos educadores, em 1822, mesmo antes da proclamação da independência, o Poder Legislativo aprovou lei estabelecendo piso nacional para o magistério. Todavia, em razão da escassa contribuição financeira do Império às províncias, a lei acabou sendo renegada pelos gestores públicos.

Quase dois séculos depois, em 2008, os trabalhadores em educação tiveram novamente a oportunidade de contar com uma lei federal que estabeleceu o piso nacional para o magistério, cujo valor é a referência mínima para os planos de carreira de cada uma das esferas da administração pública que contratam professores no nível básico (federal, estadual, distrital e municipal).

A referida lei é justificada por diversas razões, sobretudo do ponto de vista comparativo:

1º) Pesquisa da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) de 2009 revelou que o professor brasileiro do ensino fundamental 2 (6º a 9º ano) ganhou, em média, US\$ 16,3 mil naquele ano. Enquanto isso, na média, um professor com formação e tempo de serviço equivalente recebeu US\$ 41,7 mil nos países da OCDE.

2º) Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad-2009), do IBGE, que embasaram o projeto de lei do novo Plano Nacional de Educação (PNE), em tramitação no Congresso Nacional, apontaram que o professor da educação básica é o profissional menos valorizado no Brasil. Sua renda média anual equivale a 40% da dos demais profissionais com mesmo nível de escolaridade, e o PNE sugere igualar essa renda num prazo de seis anos – o que é um imenso desafio!

3º) O Brasil ainda detém uma das menores remunerações em início de carreira do mundo (US\$ 783), estando atrás de Costa Rica (US\$ 1.474,53) e Argentina (US\$ 1.131,31), porém superando Chile (US\$ 780), Colômbia (US\$ 745) e Nicarágua (US\$ 199,17), do ponto de vista da América Latina. Importante ressaltar que, até meados de 1990, vários estados e municípios do Brasil remuneravam seus professores abaixo de US\$ 100. E, mesmo com a superação dessa condição indigna, o patamar atual está muito aquém do potencial de quem detém a sexta economia do mundo, sendo preciso, acima de tudo, resgatar o valor social dessa importante profissão que já sofre com preocupantes déficits nas áreas de exatas, biologia, artes e língua estrangeira.

A luta da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), desde a aprovação da Lei n. 11.738 e do julgamento de mérito à ação direta de inconstitucionalidade movida por governadores contrários à lei do piso – que acabaram derrotados no Supremo Tribunal Federal –, é pela imediata e integral aplicação do piso nacional do magistério em todos os entes da federação. A referida lei concilia remuneração, formação e jornada de trabalho, constituindo um primeiro instrumento efetivo de política pública capaz de reverter a histórica desvalorização do magistério. A CNTE também luta pela extensão do piso aos demais profissionais da educação como forma de assegurar uma educação pública de qualidade para todos os brasileiros e brasileiras, capaz de garantir o desenvolvimento inclusivo, soberano e com igualdade social

ROBERTO FRANKILN LEÃO escreve periodicamente para esta publicação. **Jornal LE MONDE DIPLOMATIQUE**, Março de 2013.

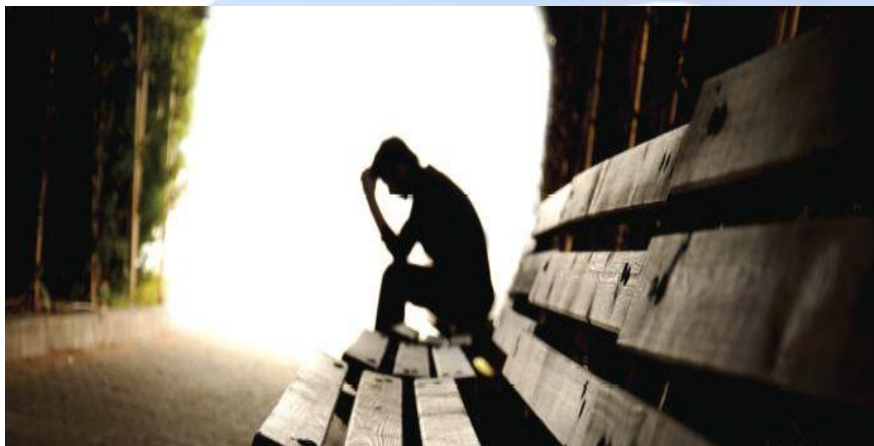
Depressão para a vida (LÚCIO PACKTER)

UMA EM até cinco pessoas pelo mundo, em um período da vida, provavelmente apresentará o que a medicina denomina *depressão*. Determinadas modificações químicas no cérebro com vinculação dos neurotransmissores (noradrenalina e serotonina, em maior proporção estas) estarão associadas a autoestima arruinada, tristeza continuada, alterações cognitivas graves. Cansaço, medo, desinteresse, vazio, sensação de dor, de morte, insônia.

Suponha que eu diga que um ventilador apresenta barulho, as pás se movimentam em baixa rotação, às vezes param. E em seguida, eu lhe digo que abriremos o pequeno motor elétrico do ventilador e que pesquisaremos o que faz com que ele apresente autoestima arruinada, tristeza continuada, cansaço. Você me diria que uma pessoa não é um ventilador? Sim, eu acredito que a maioria não é um ventilador; não sei dizer de todas, não as conheço. A Filosofia Clínica estuda alguns elementos dos bastidores mecânicos do fenômeno médico (não filosófico clínico) nomeado por depressão. Exemplo: historicamente, a depressão é tida como apatia, renúncia, recuo, destituição dos elementos vitais. Uma falácia compreensível, mas cada vez menos justificável, se você tomar a Filosofia Clínica como estudo. Acredito na depressão como um movimento também de luta, de afirmação, de vida. N., senhora a quem atendi há muitos anos, escreveu na época: "... A única vez em que tenho a lembrança de estar realmente viva, Lúcio, foi quando estive em depressão. Aquele luto, tudo sem

cor, dor no corpo, vontade de morrer é que me fez viver. Aprendi o que é viver na minha depressão. Sem a depressão a minha vida não teria graça nenhuma".

Mas é notório que alguns não desenvolvam a depressão, ainda que diante de quadros existenciais predisponentes historicamente a ela. Já algumas pessoas, pela constituição interna que formaram estruturalmente, caminham facilmente, pelo pequeno estímulo ou nenhum, em direção a ela. Encontram subterfúgios para um caminho rumo ao que se chama depressão. Há muitos exemplos. Um deles encontramos nas palavras de Nietzsche em *Para além do bem e do mal* quando escreve: "Os homens que conheceram a profundidade da tristeza, se traem quando são felizes, têm um certo modo de compreender a felicidade que parece mostrar que querem comprimi-la e sufocá-la, por ciúmes - porque sabem que, infelizmente, essa logo fugirá".



Também a sociedade pode empurrar grupos de pessoas a uma condição similar ao que a medicina chama de depressão por motivos que vão da lição à advertência. Mas qual a razão de, eventualmente, a sociedade promover a depressão e, concomitantemente, oferecer auxílio para a depressão que - neste caso - fomentou? Uma das respostas está na natureza da ajuda que a sociedade oferece (observe em quais condições os remédios e as terapias servem como paliativos, quando estão a serviço do próprio "mal" a que se propõem debelar). Existem fatores sociais, intrincados, derivativos, difíceis de mapear

que podem levar ao que se denomina depressão. Diversos pesquisadores buscaram estes vetores; alguns autores os imaginaram, inventaram, enquanto outros os descobriram. Nem sempre esta diferença é relevante. Tomemos como exemplo o que Joaquim Nabuco escreveu em *O abolicionismo*, obra de 1884 (por favor, procure dar contexto ao escrito que segue): "Quanto às suas funções sociais, uma aristocracia territorial pode servir ao país de diversos modos: melhorando e desenvolvendo o bem-estar da população que a cerca e o aspecto do país em que estão encravados os seus estabelecimentos; tomando a direção do progresso nacional; cultivando, ou protegendo, as letras e as artes; servindo no exército e na armada, ou distinguindo-se nas diversas carreiras; encarnando o que há de bom no caráter nacional, ou as qualidades superiores do país, o que mereça ser conservado como tradição. Já vimos o que a nossa lavoura conseguiu em cada um desses sentidos, quando notamos o que a escravidão administrada por ela há feito do território e do povo, dos senhores e dos escravos.

Desde que a classe única, em proveito da qual ela foi criada e existe, não é a aristocracia do dinheiro, nem a do nascimento, que papel permanente desempenha no Estado uma aristocracia heterogênea e que nem mesmo mantém a sua identidade por duas gerações? Se, das diversas classes, passamos às forças sociais, vemos que a escravidão, ou as apropriou aos seus interesses, quando transigentes, ou fez em torno delas o vácuo, quando inimigas, ou lhes impediu a formação, quando incompatíveis".

Intensidade na experiência dos fenômenos relacionados à depressão é um dos fatores mais mencionados por pessoas que a viveram, como a tristeza muito forte. Existe aqui uma peculiaridade: a intensidade, de modo amplo, mas sem ser regra, liga-se imediatamente a dois eventos usualmente próximos. O primeiro, a paralisação de atividades que estavam em andamento; o segundo, ao contraste com os fenômenos internos. Mas já encontrei situações em clínica nas quais as pessoas atribuíam a intensidade por diferenciação e não por critérios de mais ou de menos.

A Analítica de Linguagem, um dos ricos veios da Filosofia Clínica, auxilia a decodificação dos laços internos, a mecânica da depressão, quando os dados de Semiose são verossímeis. Ou seja, observe a vizinhança, os referenciais, o movimento para uma aceção. E os casos nos quais tudo vai bem existencialmente, não há quaisquer registros que possam aventar a possibilidade de um quadro depressivo, nem histórico em torno da pessoa, e subitamente um forte episódio de depressão desce sobre a vida da pessoa arruinando suas buscas, seu trabalho, sua família? Eis um dos motivos pelos quais em Filosofia Clínica tanto se confere ênfase a interseções tópicas, aos movimentos estruturais.

A depressão também pode ser indicada existencialmente. Certa ocasião, em uma aula, sugeri a uma aluna farmacêutica que oferecesse em sua farmácia depressivos, e não apenas antidepressivos. A questão é que a sociedade na qual vivemos entende como razoável o antidepressivo e como uma afronta o remédio depressivo.

LÚCIO PACKTER é filósofo clínico e criador da Filosofia Clínica. Graduado em Filosofia pela PUC-FAFIMC de Porto Alegre (RS). É coordenador dos cursos de pós-graduação em Filosofia Clínica da Faculdade Católica de Cuiabá e Faculdades Itene de Cascavel. lucioPACKTER@uol.com.br. **Revista FILOSOFIA, Março de 2013.**

E por falar em mudanças... (LAURA GREENHALGT)



ENQUANTO 08 de Março, Dia Internacional da Mulher, convocava felicitações de todas as partes, mensagens edificantes de políticos, peças publicitárias vendedoras, presentes, flores e múltiplos gestos de apreço às filhas de Eva, num auditório fechado em Roma uma centena de homens, só homens, prosseguia na missão de decidir o futuro do grande edifício católico. Edifício sob cujo teto abriga-se 1,1 bilhão de fiéis pelo mundo, a maioria mulheres.

Janice Sevre-Duszyńska, ordenada padre em 2008, pede mais voz para as mulheres

Uma delas é Elfriede Harth, 64 anos, cinco filhos e oito netos, uma católica nascida em Bogotá, na Colômbia, porém há anos vivendo na Alemanha. Pois Elfriede passou o 8 de Março bem angustiada com o apagão tecnológico da sua casa. Há dias está sem telefone fixo, sem internet e sem alguma explicação plausível da operadora dos serviços. Ok, Frankfurt guarda alguma semelhança

com outras partes do planeta. Assim sendo, conversamos por telefone móvel, na véspera e no grande "dia".

Comunicação capenga é um problema para essa socióloga formada pela Sorbonne com doutorado no Institut d'Études Politiques de Paris, o renomado Sciences Po. Porque Elfriede está 100% conectada a um movimento global que justamente incomoda aqueles senhores de Roma, incluindo os 115 cardeais que a partir de terça-feira isolam-se para eleger o sucessor de Bento XVI. Trata-se do movimento católico pela ordenação de mulheres como sacerdotes.

"Não me venham com isso, numa hora dessas", poderia bradar o camerlengo Tarcisio Bertone, à frente da Igreja Católica neste conturbado período de sede vacante. Mas a questão, cardeal, é que o movimento existe. Pequeno, abafado, constrangido muitas vezes, mas existe para cobrar a presença de sacerdotes mulheres tanto nas paróquias pelo mundo afora, como quem sabe um dia, nos salões engalanados do Vaticano. A invisibilidade feminina na hierarquia católica é o tema central desta entrevista exclusiva de Elfriede Harth, ela que já foi catequista de bairro, ativista do movimento We Are Church, membro do Femmes et Hommes en Église, na França, presidente do European Women's Synod, representante do Parlamento Europeu em grupo que se ocupa das relações entre religião e política, e ainda é associada às Católicas pelo Direito de Decidir na Europa. Elfriede, mesmo sem telefone nem internet, quer conversar. E muito.

Acha que a renúncia de Bento XVI, gesto que qualifica como "excelente", "extraordinário", poderá introduzir no pensamento oficial da Igreja brechas para outras rupturas. "Outras inovações", insiste. Acredita que, ao dizer-se incapaz de conduzir o ministério petrino, pela idade e pelo cansaço, sem falar nos escândalos inconfessáveis, o papa renunciante inescapavelmente apontou para a necessidade de distribuição de poder na Igreja - algo que Elfriede batizaria como "dar maior autonomia aos bispos, eles é que estão mais perto das pessoas". E nesse embalo a socióloga vai centralizando sua longa reflexão sobre o que seria uma dívida milenar da instituição para com as mulheres. No centro de todos os problemas, do veto permanente à ordenação feminina aos casos da pedofilia no clero, Elfriede divisa a mesma dificuldade da Igreja: lidar com tudo o que, direta ou indiretamente, tem a ver com a sexualidade humana.

Doutora Harth, esse momento de transição de comando no Vaticano e de instabilidade na Cúria Romana seria propício para discutir a ampliação da presença das mulheres na Igreja Católica?

Sim. Atravessamos um momento único pelo fato de haver um papa que renunciou. Isso representa uma ruptura com a tradição. Tinha-se como algo natural, inquestionável, que papas morreriam sendo papas e só então poderiam ser substituídos. Bento XVI inovou ao renunciar, abrindo caminho para que outras rupturas sejam possíveis. É inegável. Acrescente-se o fato de a Igreja, como instituição, andar debilitada frente à opinião pública pelos diferentes tipos de escândalos. Então, espero que na cúpula haja gente disposta a refletir "bom, isso não pode seguir assim, do contrário vamos enterrar a instituição".

Faço aqui um parêntese: qual é a sua opinião pessoal sobre a renúncia de Bento XVI?

Pessoalmente, achei excelente. Mas ficar escavando as razões da renúncia talvez não seja tão importante para mim. Bento XVI chegou a uma decisão responsável, para ser coerente consigo mesmo e seguir mirando-se no espelho. Quero crer que lhe bateu aquela coragem de admitir: "Tenho a possibilidade da renúncia, então por que não usá-la?". Não é de hoje que estou convencida de que a missão do papa é grande demais para um homem. Significa ser um monarca absoluto num mundo globalizado, cada dia mais complexo. É impossível que uma única pessoa chame para si todos os poderes de uma

instituição como a Igreja Católica. Veja bem, o papa tem que ser o representante de Deus na terra, o guia espiritual da humanidade, o sumo executivo, o grande juiz. É demais! Daí a Cúria faz e desfaz, sem que o papa se inteire de muita coisa. Porque simplesmente é impossível saber de tudo. Então seria importante revisar esse ministério, livrando-o de muitos anacronismos. Vale lembrar: quando acabavam as monarquias absolutistas na Europa é que justamente se reforçou o papel do papa como monarca absolutista. Não há nem justificativa histórica para isso.

O que se vê agora seria uma contradição entre a falibilidade humana e a infalibilidade papal, por transferência divina?

Em termos teológicos, a infalibilidade papal está associada só a dois dogmas marianos, dogmas ex cathedra, a concepção imaculada e a assunção da Virgem. Isso foi estabelecido no Concílio Vaticano I, em 1870. Mas o Vaticano tratou de atrelar muitos outros temas à infalibilidade, temas sobre os quais o papa tem a última palavra, como a ordenação sacerdotal das mulheres. O que é falso, porque aqui não se trata de questão de fé, dogma ou mesmo doutrina. Tampouco a exclusão das mulheres da Igreja é uma questão moral, e sim uma questão disciplinar, de burocracia, de regulamentos. Não tem a ver com a fé. Mas agem como se tivesse, sobretudo afirmando que Jesus, ao fundar a Igreja, preferiu não ordenar mulheres. O que também não constituiria uma questão de fé.

Hoje até existem evidências históricas apontando uma relação mais próxima de Jesus com as mulheres, demonstrando a importância que ele lhes dava, inclusive iniciando-as nos ritos religiosos.

São Paulo fala em suas epístolas da apóstola Júnica e de mulheres que participavam do ministério. Não eram mulheres pobres e desprotegidas, ao contrário, eram mulheres que poderiam assumir tal participação. Líderes reconhecidas, o que fica patente em achados nas tumbas desses primeiros tempos da cristandade. Adiante na história, vimos que as abadessas tiveram imenso poder tal como os bispos, que havia ritos de iniciação a religiosas. Há quadros em que se vê Maria Madalena ordenando Jesus, e por quê? Porque ela o ungiu na hora da morte. Foi dela que Jesus recebeu a derradeira unção em sua breve vida. Enfim, são vários os estudos comprovando que não havia tanta discriminação às mulheres naqueles primeiros tempos, essa mesma discriminação que viria com a consolidação das religiões no patriarcado. Nasceram aí muitos dos argumentos para negar às mulheres acesso à vida sacerdotal.

Existiria um marco histórico determinando o início do processo de exclusão das mulheres da hierarquia da Igreja?

Esse marco é o século 4, sob o império de Constantino, quando se converteu o cristianismo em religião de Estado. Ali o cristianismo deixa de ser a religião dos pobres, subversiva, clandestina, vivida nas catacumbas. Há pesquisas apontando que nesse tempo muitas mulheres chegaram a se rebelar contra a imposição do casamento, preferindo viver sozinhas, longe de pais e maridos, o que comprovaria a tese de que o cristianismo original funcionou como meio de liberação feminina. Isso também se viu em comunidades judaicas, pré-cristãs. Havia judias ricas, poderosas, não dependiam dos homens porque tinham seus próprios recursos. Judite, por exemplo, é um caso clássico. E até no mundo islâmico, no tempo de Maomé, a religião significou para muitas a liberação. Mas morreu Jesus, morreu Maomé e os homens assumem o controle. Tertuliano, no século 3, já tratava de dizer que mulheres eram a porta do demônio. Começou-se a martelar o mito de Eva como símbolo de tentação, quando Eva foi exemplar, audaciosa, Adão não se atrevia a nada. Claro, há diferentes maneiras de interpretar tudo isso, porém o que vigorou foram as versões patriarcais, só elas. Felizmente graças à teologia moderna, e dentro dela a teologia feminista, muito tem se revisado, inclusive as noções de culpa e sacrifício.

Mas tem sido um processo longo...

Só que ele acontece. Hoje estive visitando uma curiosa exposição de pôsteres sobre mulheres em campanhas eleitorais, a propósito do 8 de Março. É impressionante como os partidos políticos alemães mudaram sua visão sobre a presença e a condição femininas nos últimos 60 anos. Só por uma coleção de pôsteres é possível constatar isso. Ora, as mudanças podem ser mais lentas do que desejaríamos, mas estão se processando. Em 1962 teve início o Concílio Vaticano 2 e, já no ano seguinte, João XXIII publicou a encíclica *Pacem in Terris*, em que trata dos três "signos do tempo": o processo de descolonização, a emergência da classe trabalhadora, reclamando direitos, e a mulher entrando no espaço público, reivindicando dignidade. Veja como é importante olhar para trás e ver os passos que foram dados até aqui. Assim, vamos preparando a terra, semeando, semeando, até que um dia brote a primavera.

Há uma contradição estatística na Igreja: enquanto é bloqueado às mulheres o caminho da hierarquia católica, por outro lado, elas constituem maioria na base da instituição. São centenas de milhares as de vida consagrada no mundo.

Somando o total de religiosos homens, ordenados ou não, ou seja, acrescentando aí frades, diáconos e padres diocesanos, há mais mulheres. Eu diria que temos propensão à religião e espiritualidade. Sim, sim, aí tem alguma coisa que nos diferencia. Também dá para supor que, por muito tempo, e ainda hoje, em países onde as mulheres não encontram alternativas fora da vida matrimonial, a vocação religiosa feminina se mantém como alternativa. Isso se vê em certos

lugares da África. Pense que no passado, de modo geral, o clero recrutava entre as classes abastadas. Hoje é o contrário. Para gente pobre, a vida religiosa pode significar uma ascensão social, porque se garantem os estudos e se tem uma vida mais cômoda, segura, com efeitos benéficos para toda a família.

O número de religiosas na África cresce, entretanto em certos lugares deste continente tudo parece conspirar para que a mulher fique confinada ao espaço privado. Corre-se o risco de fazer retroceder ainda mais a condição feminina?

Risco? Em termos... porque são as mulheres que estão dando duro na vida religiosa. Fora dela, também são elas que cultivam, colhem, alimentam os filhos, é impressionante a exposição dessas mulheres ao mundo árduo do trabalho e da sobrevivência. Esse é um dos fatores pelos quais a figura da mãe é tão importante nessas sociedades. Falando com feministas africanas, já as ouvi dizerem algo como "é importante que vocês não nos mirem com olhos de feministas ocidentais, europeias, porque há coisas de vocês que não se enquadram em nossos esquemas de vida". Mulheres islâmicas já me disseram que terão de desenvolver seu próprio feminismo. E que não repetirão nossos passos porque não compartilham da mesma visão de mundo. Estão certas. Elas têm outra relação com o homem, assim como têm outro peso no seio da família. Como mulher e católica, admito que temos visões muito europeizantes.

Comente mais, por favor.

Ah, o catolicismo é muito europeu. Lembremos que os jesuítas tentaram submeter os chineses e não conseguiram, nunca se conseguiu consolidar o cristianismo na Ásia. Porque houve rejeição a esse imperialismo cultural, digamos assim. Existem catolicismos, no plural, e o da Europa não é o mesmo da América Latina, por exemplo. O desejo de reforma da Igreja também não é único, ele se apresenta de distintas formas em distintos lugares. Latino-americanos falam tanto em separar Igreja de Estado, mas frequentemente estão reclamando a presença desta mesma Igreja no campo social. Isso não acontece na Europa. Por isso, acredito que o tema da ordenação de mulheres é menos importante em outras partes do mundo do que é na Europa. O mesmo vale para o fim do celibato. Aqui se luta por algo que os latino-americanos tratam com maior flexibilidade, basta ver quantos padres latinos têm filhos e assim vivem.

A senhora está dizendo que se luta mais pelo fim do celibato religioso na Europa do que na América Latina?

Veja bem, a América Latina, como de resto o mundo, está reclamando o celibato opcional para os religiosos. Ponto. Sabe-se que, durante o Concílio Vaticano II, foram bispos brasileiros que formalmente advogaram em prol do celibato opcional, para que os padres não seguissem vivendo clandestinos, com as famílias que construíam. Isso é sabido. Agora, discutir o fim do celibato na Europa, mormente na Alemanha, Áustria e Suíça, ganha um peso incrível porque a Igreja é o segundo empregador desses países. Muita gente estuda teologia nesses lugares não para seguir a vida religiosa, mas para arrumar emprego na Igreja e em suas instituições. Podem trabalhar em universidades, escolas, hospitais, orfanatos, enfim, há amplos setores da economia nas mãos da Igreja. Também não foi por acaso que, ainda tratando do Vaticano II, justamente foram as teólogas alemãs que encaminharam petições pela ordenação das mulheres.

Esse movimento perdeu força?

Não, esse movimento continuou, apesar de todas as dificuldades. Vou dar um exemplo: em 2002, houve ordenações de mulheres, à revelia do Vaticano evidentemente, numa cerimônia feita num barco no rio Danúbio, bem entre Alemanha e Áustria. A escolha do local foi de propósito, seria uma espécie de terra de ninguém... Ali se ordenaram sete mulheres. Ida Raming, teóloga especialista em direito canônico e pioneira do movimento pela ordenação de mulheres, com atuação no Vaticano II, foi uma das ordenadas. Hoje é bispa e se ocupa da formação de outras religiosas. Ida vive em Stuttgart, trabalha com muitos grupos, ministra sacramentos. Assim se deu com a doutora em teologia Patricia Fresen, uma freira dominicana que viveu na África do Sul por muitos anos, combateu o apartheid, foi presa, correu risco de vida, etc. Em 2003 Patricia foi ordenada (por um bispo em Barcelona, ato invalidado pelo Vaticano). Acabou sendo expulsa da ordem, mas tem sido uma brava combatente pela ordenação das mulheres.

O que será mais difícil para a igreja: instituir o celibato opcional no seu clero ou aceitar a ordenação de mulheres?

A ordenação de mulheres será mais difícil. Porém, tanto uma coisa quanto outra têm a ver com sexualidade. Para ser sacerdote é preciso ser varão, estabelece a Igreja Católica. E hoje em dia, com o crescimento do movimento queer, que abrange gays, lésbicas, bissexuais e transexuais, os doutrinadores ainda cravam: ser varão é ter os órgãos sexuais masculinos. O critério é este. No entanto, essas pessoas, ao se ordenarem, prometem solenemente que jamais poderão ter vida sexual. Assim a Igreja continua banindo o sexo fora do matrimônio heterossexual, monogâmico e exclusivamente para fins de procriação. Então, ponto final, religiosos não podem se casar, e nós, mulheres, não somos aceitas nem como esposas de sacerdote. Somos excluídas do clero até neste quesito!(ri). Agora, há casos excepcionais. Diáconos podem ser casados. Em igrejas orientais se encontram padres casados. E mesmo um pastor protestante, convertido ao catolicismo,

poderá seguir casado e manter sua família. São situações já aceitáveis. Daí imaginar que custará menos à Igreja flexibilizar o celibato religioso.

E por que a ordenação de mulheres continuaria sendo o tabu?

Voltemos ao cânone de que só um varão, batizado, poderá receber a ordenação. Isso tem a ver com o seguinte: quando se controla a sexualidade dos indivíduos, mais poder se terá sobre eles. Em muitas sociedades, como entre os astecas e mesmo em certas comunidades indianas, a homossexualidade e a transexualidade conviveram com a heterossexualidade. Era uma convivência aceitável, a Igreja presenciou isso. Por outro lado, vem dos maniqueus e passa por Santo Agostinho todo um rígido controle sobre a sexualidade humana, particularmente sobre o corpo da mulher. Contra esse corpo opõem estranhas noções de pureza. Padres, que poderiam se casar até o século 11, foram proibidos de ter relação sexual com suas esposas na véspera de rezar missas e consagrar hóstias. Porque seria impuro... Então, ascender mulheres nas estruturas da instituição obrigaria esse mundo tão cerrado, tão machista e tão opressor a lidar mais de perto com as pulsões humanas, o que se torna algo complicado numa instituição governada por homens simbolicamente castrados.

Os recentes escândalos de pedofilia dentro da Igreja poderão flexibilizar certas visões?

Seria importante rever o que a Igreja pensa oficialmente sobre sexualidade. Não dá para continuar pensando que só podem ser sacerdotes os têm órgãos masculinos, enquanto mulheres são vetadas porque inspiram a impureza, exalam sexo. Enquanto isso, religiosos continuam violando jovens, crianças... A meu ver, um padre que desenvolve um vínculo amoroso com uma criança, ou um jovem, é antes de tudo um indivíduo profundamente imaturo, alguém a quem se interdita a possibilidade de viver uma relação plena entre iguais, um indivíduo condenado a uma existência de privação emocional. Tudo começa por aí. Daí vêm as violações, não só de jovens e crianças, mas de mulheres também. São abusos sexuais e abusos de poder. Há escândalos graves envolvendo monjas, um deles terrível, no Quênia, denunciado por uma religiosa de origem inglesa.

O que se descobriu?

Padres que por lá trabalhavam, preocupados em não contrair o vírus da aids, buscavam as monjas nos conventos para satisfazer suas necessidades sexuais. Era isso. Houve um caso em que a metade do convento era de monjas grávidas. Muitas foram postas na rua sem qualquer amparo, outras fizeram abortos precários, outras foram viver na prostituição. Isso foi relatado no National Catholic Reporter, publicação católica americana de alta credibilidade. E mais: abusos de monjas não aconteceram só na África. O próprio jornal abriu uma investigação, com levantamento de casos pelo mundo, e constatou-se que o problema ocorria em 23 países, vários europeus, entre eles a própria Itália. Ou seja, o tema da sexualidade está onipresente na Igreja.

Situações terríveis como esta colocam em xeque o celibato religioso, ao mesmo tempo em que expõem a subalternidade das mulheres na instituição. Podemos entender assim?

A mulher continua sendo o lado mais depreciado dessa história. É aquele ser humano a quem se acusa de ser "contra a vida" em situações de aborto, quando, na verdade, são elas que majoritariamente se encarregam da criação dos filhos, dos cuidados com os enfermos, dos anciãos e dos inválidos nesse mundo. Qualquer sacerdote que se insurja contra esse estado de coisas, em defesa delas, já sabe: nunca chegará a bispo. Se se manifestar sobre temas como aborto e contracepção, favoravelmente às mulheres, terá que assinar documento público dando conta de sua obediência ao pensamento oficial da Igreja. Isso, apesar de a doutrina católica afirmar que a suprema instância moral é a consciência do indivíduo. A mesma consciência que Bento XVI invocou ao renunciar.

LAURA GREENHALGT, Jornalista, entrevistou **ELFRIEDE HARTH**. Socióloga que atua no Parlamento Europeu e na ONG Católicas pelo direito de decidir, na Europa. **Jornal O ESTADO DE SÃO PAULO, Março de 2013.**